

# EM GUARDA

ANO 3

Para a defesa das Américas

N. 10



E' assim que entram em ação as possantes metralhadoras laterais de calibre .50 dos bombardeiros "Liberators", americanos



SARGENTO KELLY: O HERÓI SINGELO

# UMA GRANDE CRUZADA

**I**DES encetar agora uma grande cruzada. Os homens livres do mundo estão marchando juntos para a vitória. Tenho absoluta confiança na vossa coragem, na vossa devoção ao dever e na vossa habilidade em combate. Só aceitaremos a vitória completa para nossas armas. Felicidades!”

Essa foi a histórica ordem do supremo comandante dos aliados, general Dwight D. Eisenhower — a ordem de invasão da Europa. A data, 6 de Junho, marcava o quarto aniversário da retirada de Dunquerque, quatro longos anos de cativo na Europa nazista.

“Somos impregnáveis” afirmara Hitler, arrogantemente, ao povo alemão. “Impregnáveis por trás da nossa muralha do Atlântico.” Mas chegou, finalmente, a hora para o começo da libertação da Europa. Mais uma vez o canal da Mancha estava cheio de navios. Por cima, os aviões.

Em Dunquerque, quatro anos antes, foi a trágico episódio de milhares de pequenos barcos de pesca e de hiatos de recreio, salvando os sobreviventes. Naquela ocasião, os céus pertenciam à aviação alemã. Desta vez, porém, havia quatro mil unidades das esquadras aliadas combinadas: de fato, a maior frota invasora de todos os tempos. Nos céus havia milhares de aviões dos aliados, bombardeiros, aviões de combate, transportes e planadores, conduzindo as tropas de assalto.

O marechal Herman Guering baixou uma nova ordem do dia: “Temos que impedir a invasão, ainda mesmo com o sacrifício total da *Luftwaffe!*” A aviação nazista, porém, reduzida agora a uma insignificância, em comparação com a dos aliados, nada pôde fazer em face da invasão aérea. E assim, nas praias, desde o Havre até Cherburgo, e ao longo da baía do Sena, foi feita a primeira penetração na “muralha do Atlântico” de Hitler — a primeira dentre muitas. Verificou-se o reverso de Dunquerque; mas as praias estavam cobertas de mortos e de feridos.

## Dias negros

O desastre de Dunquerque fizera sentir suas consequências quase no mundo inteiro, antes de, com o tempo, revelar o reverso da medalha. A França foi vencida, dominada e escravizada; a Inglaterra sofreu tremendos e contínuos bombardeios aéreos; a Rússia foi invadida; Mussolini tornou-se um joguete, e a Itália, um país vassalo do nefasto nazismo.

O plano de dominação do mundo, concebido por Hitler, estava quase realizado. A Inglaterra arcava com o peso de uma tremenda pressão, a Europa ocidental jazia acorrentada, e os exércitos alemães tinham plena liberdade de ação em grande parte do território russo. Uma vez dominada toda a Europa, a conquista da África

seria fácil. E para além de Dakar estava a costa do Brasil e toda a riqueza da América do Sul.

Deu-se então o traiçoeiro ataque do Japão, em 7 de Dezembro de 1941. Numerosas unidades da esquadra dos Estados Unidos foram destruídas em Pearl Harbor. Pouco depois, verificou-se a capitulação de Manilha e de Singapura. E a seguir, o Japão ocupou toda a Maláia e as Índias.

As forças da liberdade não podiam ter tido dias mais negros. Mas, assim como a Inglaterra e a Rússia conseguiram recuperar suas forças, com os Estados Unidos ao seu lado, o mesmo aconteceu aos próprios Estados Unidos, que tiveram a solidariedade sem precedente de todas as nações americanas, conforme ficou expressamente constatado na Carta do Rio de Janeiro.

De grande significação também foi o fato de terem os Estados Unidos, após o ataque de Pearl Harbor, começado a construir o seu Arsenal da Democracia e a facilitar os empréstimos e arrendamentos a todas as nações que se opunham à agressão do Eixo. Ao mesmo tempo, das demais Repúblicas Americanas foram estabelecidas as linhas de comunicação com o vasto Arsenal, para abastecê-lo de matérias primas que iriam substituir aquelas cujo fornecimento os japoneses tinham cortado, no Extremo Oriente.

Dessa unidade de propósito dos aliados foi, pouco a pouco, tomando enormes proporções a

(Continúa na página 3)



*Quando os soldados dos exércitos aliados desembarcaram na Europa, o Presidente Roosevelt ofereceu à nação a seguinte prece:*

**“COMPATRIOTAS:** Nesta hora crítica, peço-vos que vos unais comigo em oração. Deus todo-poderoso: nossos filhos, orgulho da nossa nação, iniciaram neste dia uma árdua tarefa, a luta para preservar a nossa república, a nossa religião e a nossa civilização, e para livrar a humanidade enferma.

“Guia-os em retidão e verdade, dá forças às suas armas, valor aos seus corações e firmeza à sua fé.

“Eles necessitam da tua bênção. O seu caminho será longo e árduo. O inimigo é forte e pode fazer retroceder as nossas forças. O êxito talvez não venha com toda a rapidez, porém atacaremos uma vez e outra vez mais; e sabemos que, com a tua graça e estando a justiça do nosso lado, nossos filhos triunfarão.

“Eles não suspiram senão por ver o fim da luta e por regressar a seus lares. Alguns não re-

## UMA ORAÇÃO PELA LIBERDADE

gressarão. Dá a esses o abraço de pai e recebe-os, a esses teus heroicos servidores, em teu reino.

“E a nós que permaneceremos aqui — pais, mães, filhos, esposas, irmãs e irmãos desses valentes que estão no ultramar, e cujos pensamentos e súplicas estão sempre com eles — ajuda-nos, oh Deus onipotente, para consagrarmos de novo a ti com renovada fé nesta hora de grandes sacrifícios.

“Muitos têm instado comigo para que convide a nação a dedicar um dia a orações especiais. Porém como o caminho é longo e o desejo é grande, peço ao nosso povo que se dedique à oração incessantemente. Ao levantarmos cada dia e também ao terminar o dia, que as palavras de uma oração estejam em nossos lábios, rogando-te, Deus nosso, que ajudes nossos esforços.

“Dá-nos forças também em nossos afazeres diários para redobrar a contribuição que fazemos no apoio físico e material de nossas forças armadas.

“E faz com que os nossos corações se man-

tenham firmes, para esperar no longo caminho, para suportar com paciência as tristezas que nos venham, para infundir ânimo a nossos filhos, onde quer que se encontrem eles.

“E, oh Senhor, dá-nos fé. Dá-nos fé em ti: fé em nossos filhos; fé nos demais; fé em nossa cruzada. Não permitas que fraquejem os anelos do nosso espírito.

“Não permitas que os acontecimentos diários, que as cousas temporais, que os momentos fugazes nos apartem de nosso propósito.

“Com a tua bênção, prevaleceremos sobre as forças desapiedadas de nosso inimigo. Ajuda-nos a vencer os apóstolos da avareza e da arrogância racial. Conduz-nos à salvação de nosso país, e com as nações irmãs, a um mundo unido que signifique uma paz segura, uma paz invulnerável às maquinações de homens vis; e uma paz que permita a todos os homens viver em liberdade, recolhendo a recompensa justa de seu honesto trabalho.

“Oh Deus todo-poderoso, faça-se a tua vontade. Amén.”



**Usando** mais de 4.000 navios, inclusive 12 couraçados e milhares de chatas (em cima) e mais de 11.000 aviões, as forças aliadas da libertação — tropas dos Estados Unidos, da Inglaterra e do Canadá desembarcaram na França na manhã do dia 6 de Junho de 1944. Durante muitos meses, antes do desembarque das tropas, milhares de toneladas de bombas foram lançadas contra as defesas alemãs da costa. Depois, mais de 200 caça-minas limpavam as vias marítimas de obstáculos tais como toras ponteadas e velhas barras de aço com minas nas

pontas. Muitas fileiras de tropas aliadas atacantes foram dizimadas pelas metralhadoras do inimigo. Nas praias estavam os destroços e os mortos (em baixo). Contudo, as tropas aliadas continuaram chegando, com granadas, com armas automáticas e até com facas; conquistando o terreno palmo a palmo, obrigando o inimigo a recuar continuamente. Pouco depois, chegaram as tropas de engenharia, dando início à remoção do entulho e à construção das bases aéreas necessárias para isolar a península de Cherburgo — num golpe de grande estratégia



#### (Continuação da página 1)

preparação para a invasão levada a efeito na baía do Sena. A primavera e o verão de 1942 ainda não apresentavam melhores esperanças. Os japoneses tinham se firmado na área da Nova Guiné, da Nova Britânia e das ilhas de Salomão, pondo em perigo toda a Melanésia e a Austrália.

Mas a Marinha dos Estados Unidos, a despeito dos reveses sofridos em Pearl Harbor, manteve-se firme no Mar de Coral, rechaçando o inimigo e impedindo a sua avançada para o sul. Entre os acontecimentos ocorridos no Mar de Coral e os que ocorreram agora na costa da França, há uma grande diferença, de tempo e de distância. Mas na "guerra global", todas as áreas têm que ser consideradas coletivamente. Assim, os mesmos princípios foram aplicados à Rússia, quando, no verão de 1942, se achavam suas forças em extrema necessidade de auxílio, não somente quanto a material de guerra, como quanto ao ataque, numa segundo frente contra os exércitos de Hitler.

Mas, já estariam então os Estados Unidos e a Inglaterra em condições de prestar êsse auxílio? Poderiam êsses aliados romper a "muralha do Atlântico"? Tais eram os graves problemas que o Presidente Roosevelt e o Primeiro-Ministro Churchill e seus respectivos assistentes militares tinham que considerar. Não podiam se arriscar a um outro desastre de Dunquerque.

A resposta era evidente. Os aliados não estavam suficientemente preparados para tentar um ataque contra o continente europeu. Arriscar a tanto seria pôr em risco todas as Nações Unidas. Não obstante, a preparação prosseguia com grande sucesso. A construção de navios e a produção de aviões e de material bélico atingiam escalas realmente fantásticas.

#### O reverso da medalha

Em Guadalcanal, no mês de Agosto de 1942, as forças dos Estados Unidos assumiram a ofensiva no Pacífico. Mas os ataques principais dos aliados ainda estavam por serem feitos contra a Europa dominada por Hitler, afim de conquistá-la e, desarte, levar a ajuda necessária aos russos, livrar o norte da África das forças de Rommel e, apressar o advento do dia em que pudesse ser concentrado o ataque contra os japoneses.

As armas aliadas foram, entretanto, alcançando contínuos sucessos. O Oitavo Exército Britânico rechaçou a divisão blindada de Rommel às portas do Egito. E, em 8 de Novembro, as forças dos Estados Unidos desembarcaram no norte da África, para se reunirem aos ingleses, na luta para expulsar os alemães da África e da área do Mediterrâneo.

Essa operação combinada não poderia ter sido realizada se os Estados Unidos não tivessem podido construir uma série de bases estratégicas aéreas ao longo do Mar das Antilhas, e na costa das Guianas, assim como em Belém, em Fortaleza e em Natal. Por sua vez, as bases navais postas à disposição da esquadra dos Estados Unidos, pelas outras nações americana, foram tão essenciais quanto as linhas de abastecimentos de matérias primas e as bases aéreas, todas de incalculável valor estratégico. Enquanto isso, os russos iam obrigando os alemães a recuar



**Tropas** dos Estados Unidos subindo por uma escada, nos penedos da Normandia, para silenciar uma bateria alemã, pouco depois de terem os invasores aliados alcançado a praia



**Enfrentando** o intenso fogo do inimigo, os líderes militares dos E.E.U.U. foram, de avião, à cabeça de ponte na França. Da esq. para a dir.: Gen. H. H. Arnold, comandante da Aviação Militar; Almirante E. J. King, chefe da esquadra; Gen. D. D. Eisenhower, comandante supremo da invasão dos aliados, e Gen. G. C. Marshall, chefe do estado-maior



**Líderes** britânicos acompanhando, com vivo interesse, o progresso da invasão na costa da França pelas forças da libertação. Na gravura acima vêem-se, da esquerda para a direita: Sir Alan Brooke, chefe do estado-maior do Exército Imperial da Grã-Bretanha; Primeiro-Ministro Winston Churchill; Sir Bernard L. Montgomery, comandante das forças aliadas da terra, e Marechal de Campo Jan C. Smuts, Primeiro-Ministro da União da África do Sul



Na gravura à esquerda: a capota de um automóvel "jeep" serve de altar improvisado para a celebração de uma missa por alma dos soldados dos Estados Unidos mortos em combate durante as operações de desembarque. A cerimônia realizou-se no primeiro cemitério local dos Estados Unidos

Uma família francesa acena alegremente para as tropas norte-americanas que passam por uma vila, na Normandia. Nas primeiras semanas da invasão, as forças aliadas penetraram a milhares de quilômetros no território francês e libertaram milhares de franceses do jugo nazista de quatro anos

**(Continuação da página 3)**

continuamente, ao passo que os aliados, vencendo e avançando da Sicília para a Itália, firmaram seu primeiro ponto de apoio no continente europeu. As forças da libertação das Nações Unidas, dominando os ares, começaram então a destruir sistematicamente as indústrias de guerra de Hitler.

O momento era já oportuno para considerar novamente a posição coletiva daqueles que se opunham aos agressores do Eixo. Primeiro, houve a reunião do Cairo, entre o Presidente Roosevelt, o Primeiro-Ministro Churchill e o Generalíssimo Chiang Kai-shek. Depois, a de Teerã, entre o Presidente Roosevelt, o Marechal Stalin e o Primeiro-Ministro Churchill. Com eles estavam os chefes das forças de terra e mar dos aliados. Havia um único objetivo principal em vista: a invasão da Europa ocidental e o estabelecimento de uma segunda frente, através da França. O acordo não se fez demorar. Londres tornou-se a sede do quartel-general das forças expedicionárias aliadas. O grande golpe decisivo seria desfechado a todo custo.

A concentração de forças e de armamentos na Inglaterra foi aumentando continuamente, e os ataques aéreos contra a Europa hitleriana cresceram de intensidade e de frequência. A esse tempo, a Rússia já tinha expulsado do seu território quase todas as legiões nazistas, e estava se preparando para lançar uma tremenda ofensiva. E, na Itália, os aliados prosseguiram avançando sempre, em todos os setores. Contudo, o General Eisenhower julgou oportuno prevenir os patrio-

tas que compõem as forças subterrâneas na Europa, contra qualquer movimento prematuro: "Preparem suas armas, aumentem a sabotagem, mas aguardem ordens." Não convinha desperdiçar esforços.

A restauração da República Francesa, na sua histórica função de nação livre, constitui para este Hemisfério uma aspiração geral, pois que é na França que estão as tradições da liberdade política das nações do Novo Mundo. Foi na filosofia dos revolucionários franceses que se inspiraram Thomas Jefferson e Simón Bolívar — inspiração que se reflete magnificamente na Declaração de Independência dos Estados Unidos e na ação de outros povos americanos para se libertarem do jugo europeu.

A posição do governo dos Estados Unidos nesse sentido foi claramente estabelecida pelo Secretário de Estado Cordell Hull quando afirmou:

"Há 150 anos que pregamos a liberdade para todas as nações e todos os povos do mundo, e nos orgulhamos de havê-la praticado. Temos encorajado todas as nações a aspirar e a fruir a liberdade."

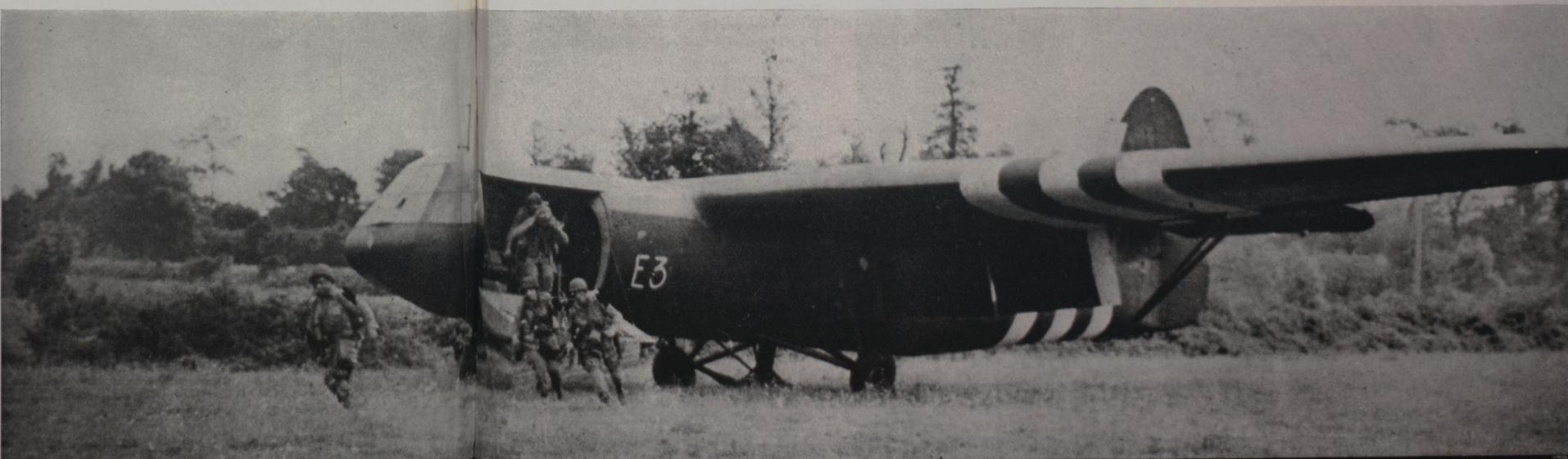
Conquanto tenha sido penetrada a muralha de escravidão e de opróbrio na Europa, a liberdade no mundo ainda está longe de ser alcançada. As forças do Eixo ainda continuam poderosas. Depois que a França recuperou sua liberdade, depois que a Checoslováquia e tantas outras nações ficaram livres — mesmo depois da capitulação da Alemanha de Hitler — ainda há o Japão para dar combate e vencer.



Com expressões que traem um misto de ansiedade e de medo, esses soldados alemães se rendem às tropas dos Estados Unidos. Milhares de soldados alemães se renderam aos aliados, nos primeiros dias da invasão. Em baixo: a aterrissagem, na França, de um planador dos Estados Unidos conduzindo tropas que fizeram o assalto de surpresa. Por mais de 5 horas, essas tropas e os paraquedistas combateram sozinhas na França.



Alguns dos soldados dos Estados Unidos dentre os primeiros feridos em combate na França. Nos primeiros onze dias da invasão, as forças terrestres dos Estados Unidos sofreram 15.883 baixas, inclusive 3.283, entre mortos e desaparecidos. Contudo, graças ao eficiente serviço de saúde, os feridos foram atendidos rapidamente. Em baixo: tanques e automóveis "jeeps" dos EE.UU., passando por uma outra vila francesa



# A LIBERTAÇÃO DE ROMA

A entrada, em Roma, do Tte.-Gen. Mark Clark, comandante do Quinto Exército dos E.E.UU. Atrás do general Clark estão os Maj.-Gens. A. Grunther (à esquerda), e G. Keyes



DEPOIS de uma longa jornada, os soldados dos Estados Unidos, alguns em automóveis "jeeps", outros em tanques e ainda outros a pé, entraram finalmente nos subúrbios de Roma, a Cidade Eterna. Durante quase nove meses, desde que as tropas das Nações Unidas avançaram resolutamente, da Sicília para o extremo sul da península italiana, esse tinha sido o seu objetivo — a libertação de Roma, depositária das mais belas tradições culturais e religiosas do mundo.

Agora, o objetivo estava alcançado. O povo italiano recebia, finalmente, entre lágrimas e aclamações, as tropas vencedoras, que passavam pelas antigas portas interiores da cidade, Porta San Paolo, Porta Maggiore, Porta San Giovanni. A massa popular, radiante de entusiasmo, dava as boas-vindas às tropas, não como conquistadoras, mas como libertadoras. A Cidade Eterna estava novamente garantida, em boas mãos, redimida pelos exércitos das Nações Unidas, cuja luta pela cidade de Roma não teve outro propósito senão o de libertá-la.

## Roma redimida

"Roma é vossa! O futuro de Roma está nas vossas mãos. Nosso dever é a destruição do inimigo!" Assim falou ao povo romano, um dos chefes militares aliados. Essas palavras marcaram a libertação da primeira capital européia escravizada pelos alemães. Eram palavras que também atendiam às preces de milhões de pessoas, no mundo inteiro, que recebiam pelo destino da Cidade Eterna — majestoso símbolo da força espiritual.

A tarefa não fora fácil. A marcha para o norte foi penosa e sangrenta. Os exércitos alemães tinham marcado um tributo para cada polegada de terreno cedido. O tributo foi o crescente heroísmo e sacrifício, pago pelos soldados, pelos marinheiros e pelos aviadores aliados, no prolongado impasse de Cassino, na tremenda luta pela posse da cabeça de ponte em Anzio e na formidável avançada contra as linhas alemães, 24 dias antes da queda de Roma.

No encaço de um exército alemão que se retirava precipitadamente, avançaram as tropas das Nações Unidas. A última etapa foi rápida e espetacular. A medida que os exércitos aliados avançavam rapidamente, pela Via Casilina e pela Via Appia, em direção a Roma, a população italiana foi perdendo o receio das balas inimigas, começando a aparecer para saudar e glorificar seus libertadores. Ao reconhecerem os soldados dos Estados Unidos, ovacionaram-nos entusiasticamente e cobriram-nos de flores.

Uma das primeiras preocupações das tropas aliadas foi a segurança dos inestimáveis tesouros culturais e históricos da cidade. Harold Tittman, enviado dos Estados Unidos junto ao Vaticano, informou que o bombardeio da via férrea romana não causou dano algum na Cidade do Vaticano. E a não ser a destruição dos meios vitais de transporte dos alemães, a capital italiana estava quase intacta.

A maioria das coleções particulares estavam garantidas, assim como a maioria das reliquias históricas, dentre as quais havia obras primas que tinham sido retiradas do mosteiro de Cassino e transportadas para o Vaticano, juntamente com outros valiosíssimos tesouros das Galerias do Estado Italiano.

A libertação de Roma causou extraordinário regosijo no mundo cristão. "Santuários e templos há-os em outros lugares; mas os templos e santuários de Roma são símbolos visíveis da fé e

O povo italiano (à direita), em frente ao monumento de Vitor Emanuel, aclama a libertação de Roma pelos aliados, no dia em que os alemães se retiraram



resolução dos primitivos santos e mártires que fizeram com que o cristianismo vivesse e se tornasse universal. E agora, sentir-se-á profunda satisfação de que os exércitos das Nações Unidas tenham assegurado a liberdade do Papa e da Cidade do Vaticano," declarou o Presidente Franklin D. Roosevelt, através do rádio, por ocasião da libertação de Roma. E acentuou: "Roma, porém, é mais do que um objetivo militar. Desde antes dos Césares, Roma se tem erguido como símbolo da autoridade. Roma foi a República; Roma foi o Império, Roma foi a Igreja Católica."

Para S.S. o Papa Pio XII, a libertação de Roma foi uma ocasião solene e sagrada. No momento em que milhares de romanos aclamavam entusiasticamente o dia da sua libertação dos alemães, o Pontífice apareceu ao balcão da vasta e magnífica catedral de São Pedro e, dirigindo-se à multidão que enchia a praça e a ampla Via Della Conciliazione, disse, em voz clara e firme:

"Devemos dar graças a Deus pelos favores que acabamos de receber. Roma foi poupada. Este dia ficará marcado nos anais de Roma." Sua Santidade fez depois uma significativa prece de agradecimento à Virgem Abençoada e a São Pedro e São Paulo.

## Relance histórico

Durante os 27 séculos de sua existência, Roma tem caído e tem sido conquistada numerosas vezes. Caiu em poder dos gauleses, que a saquearam 390 anos antes da era cristã. Foi incendiada por Nero, no ano 63; foi saqueada por Alarico, em 410; por Genserico, o Vandal, em 546, e conquistada por Totila, o Godo, cem anos depois. Em 896, foi capturada pelo germano Arnolfo, e, em 1527, foi sujeita à pilhagem do condestável de Bourbon. Napoleão o Grande a capturou em 1808, o mesmo fazendo o seu sucessor, em 1849. Finalmente, chegou a vez de Benito Mussolini e do Eixo, com todas as suas misérias.

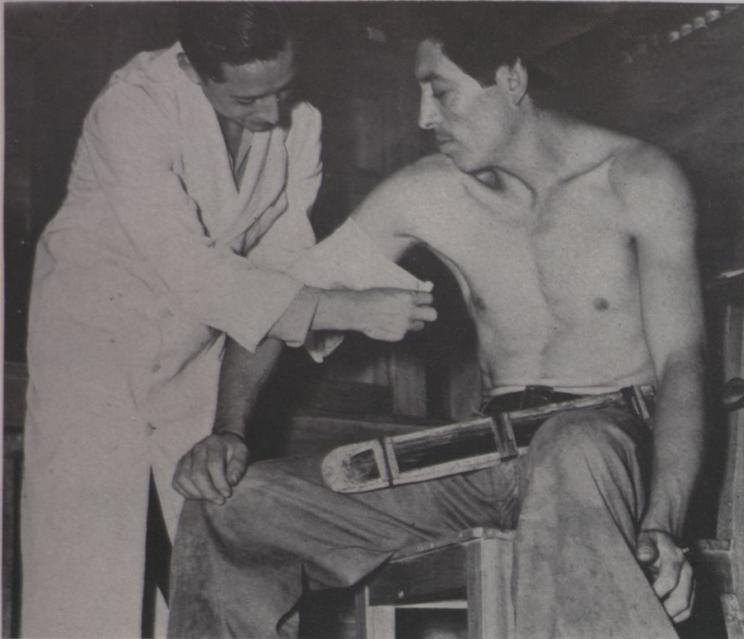
Agora, começa uma nova era. Ivano Bonomi, convidado para formar um novo governo, comprometeu-se a "restaurar a democracia na Itália, a destruir tudo que é fascismo e a continuar com o esforço de guerra."

A libertação de Roma ceiu trazer maiores responsabilidades para o governo militar aliado. Dentre outros problemas, há o da alimentação de dois milhões de pessoas, numa cidade desorganizada pela guerra, e o das extraordinárias precauções exigidas pela saúde pública, além dos problemas de restauração da normalidade, o mais breve possível. Esse trabalho já começou e o tenente-general Mark W. Clark, comandante do Quinto Exército dos Estados Unidos, que foi o primeiro a entrar em Roma, comunicou que o Papa Pio XII tinha manifestado grande satisfação pela maneira como os aliados enfrentaram a solução dos problemas decorrentes da guerra.

Dessarte, a Cidade Eterna sobreviveu a mais um período crítico da sua história, para permanecer como o centro religioso de milhões de almas, no mundo inteiro. A presença de elementos estranhos e o fragor bélico que envolvia a capital religiosa do mundo estavam destinados a passar, deixando Roma como sempre foi, para glória da sua própria existência. Para frente prosseguem os exércitos aliados, na sua nobre e histórica missão de arrancar ao cativo nazista tantos outros povos do continente europeu.

O Papa Pio XII (em baixo), recebe com um sorriso os jornalistas das nações aliadas, no palácio do Vaticano, dois dias depois da entrada dos exércitos aliados na Cidade Eterna





O enfermeiro Victoriano Villarreal tratando o seringueiro Antonio Carrera, ferido quando trabalhava num seringal, perto de Santo Domingo, Equador, no vale do Amazonas

## DISPENSÁRIO FLUTUANTE

M EIA velada pela neblina da manhã, que se mistura com a fumaça das fogueiras feitas pelos índios, uma lancha prossegue lentamente por um dos afluentes do Amazonas, navegando de ribanceira em ribanceira, para evitar a forte correnteza. Na pequena cabina da lancha, um médico e uma enfermeira inspecionam seus instrumentos cirúrgicos e medicamentos, preparando-se para o dia de trabalho. Para trás, fica Iquitos; adiante está o porto de Belém, Peru, que não deve ser confundido com o de Belém, no Pará, Brasil, e, a várias horas de viagem, a pequena vila de Tamshiyacu, ativa na indústria madeireira.

De repente, um dos homens da tripulação da lancha observa uma pequena bandeira branca desfraldada numa das ribanceiras do rio. O piloto faz reduzir a marcha e, finalmente, a lancha pára. Esta é levado pela corrente e vá encostar numa pequena clareira, lamacenta, na margem do rio. A bandeira, um simples pedaço de pano branco, era um sinal de socorro. Ao seu lado, está uma mulher, de pé, ansiosa.

O médico e a enfermeira vão à terra e dirigem-se a uma pequena palhoça. A mulher os conduz a um quarto aberto, onde se encontra, deitada, uma menina, com o joelho esquerdo tão inchado que se apresenta com o dobro das dimensões normais. Agindo rápida e eficientemente, o médico diagnostica o mal como de caráter infeccioso e, com auxílio da enfermeira, começa o tratamento. Pouco depois, médico e enfermeira

estão de volta à lancha, seguindo rio acima. Para trás fica uma família socorrida prontamente e que está agora confiante de receber todo tratamento médico necessário. Todos sabem que até estar curado aquele joelho, a clareira à margem do rio será um ponto de parada regular.

A lancha é um dos numerosos "dispensários flutuantes" ora no serviço de saúde, nas águas do rio Amazonas, através da cooperação dos governos do Brasil, da Colômbia, da Bolívia, do Peru e dos Estados Unidos. O trabalho é parte do projeto de saúde e saneamento realizado, conjuntamente, sob os auspícios de 18 Repúblicas Americanas e dos Estados Unidos, através do Coordenador de Assuntos Interamericanos.

### A tarefa do saneamento

Os dispensários flutuantes, entretanto, estão ligados diretamente ao objetivo de proporcionar assistência médica às populações ribeirinhas da bacia do Amazonas. As lanchas e seus médicos percorrem numerosos cursos d'água até o interior do Peru, em suas matas do léste, onde os rios Ucayali e o Maranhão se projetam no caudaloso Amazonas.

O vasto vale do Amazonas, que se estende por milhares de quilômetros quadrados, é rico de recursos naturais inexplorados. Petróleo, madeiras, borracha, barbasco, cinchona, quartzo, minerais e centenas de milhares de hectares de terras férteis estão aguardando desenvolvimento. Mas enquanto a selva, o rio e as doenças domi-

narem, grande quantidade dessas riquezas permanecerá intacta, sem utilidade para ninguém. As repúblicas do vale do Amazonas, por meio do Serviço Cooperativo Interamericano de Saúde Pública de cada uma delas, estão procurando sanear essa área. No Peru, por exemplo, cinco "hospitais bases" estão dispostos estrategicamente, com 15 pequenos dispensários no interior da selva, onde os seringueiros colhem o latex essencial ao esforço de guerra das Nações Unidas.

Dêsses centros, os novos núcleos de dedicados peruanos levam os cuidados médicos a muitos pontos em plena mata, arriscando, frequentemente, a sua própria vida. Preparados e especializados nesse serviço, vivem entre os seringueiros, ensinando-lhes normas essenciais de saúde e tratando os enfermos.

As outras repúblicas no vale do rio Amazonas têm quasi que os mesmos problemas e estão enfrentando a situação com lanchas e dispensários. A Colômbia também tem em serviço pequenas lanchas motores e barcos a vela, que, do porto de Buenaventura, no Pacífico, se empenham na campanha, ao longo da costa, contra várias doenças contagiosas. No alto do vale do Amazonas, na costa ocidental da América do Sul, Iquitos é um centro de atividade sanitária. Enfermeiros e enfermeiras, médicos, farmacêuticos e assistentes hospitalares são aí treinados na batalha contra a malária, contra os parasitas intestinais, contra a febre intermitente, contra a elefantíase, a varíola, o sarampo, a tuberculose e outras doenças que infestam a região.

### Todos cooperam

Os médicos e enfermeiras dêsses países e dos Estados Unidos trabalham lado a lado, 16 e 18 horas por dia, enfrentando juntos o perigo das doenças. A viagem dos dispensários flutuantes às pequenas clareiras na selva, para combater doenças, é apenas uma das suas numerosas tarefas. Suas horas de maior atividade são nas várias povoações. Em Tamshiyacu, por exemplo, numerosos moradores da localidade aguardam, na ribanceira do rio, no dia marcado, a chegada do dispensário. Quando se aproxima a lancha, todos se apressam para facilitar a atracação.

Tamshiyacu é uma vila bastante ativa, com numerosas casas pequenas, mas bem conservadas. Outras são habitações construídas de bambu, cobertas de palha. Homens, mulheres e crianças formam um numeroso grupo, aguardando ansiosamente a sua vez, na visita médica. Todos prestam grande atenção aos conselhos do médico. Este examina um por um, meticolosamente, receitando para aqueles que necessitam de tratamento. A enfermeira, sempre solícita, ajuda o médico, interroga as mães, dá-lhes conselhos sobre profilaxia e higiene, explicando os benefícios do saneamento.

Antes de voltarem para a lancha, o médico e a enfermeira recebem os agradecimentos daquela gente simples, que lhes presentieiam com flores e frutas. Todos compreendem a missão de sanear a que agora se entregam com afino, médicos, enfermeiras e engenheiros, e todos se mostram gratos pelos trabalhos realizados pelo Serviço Cooperativo Interamericano de Saúde Pública.

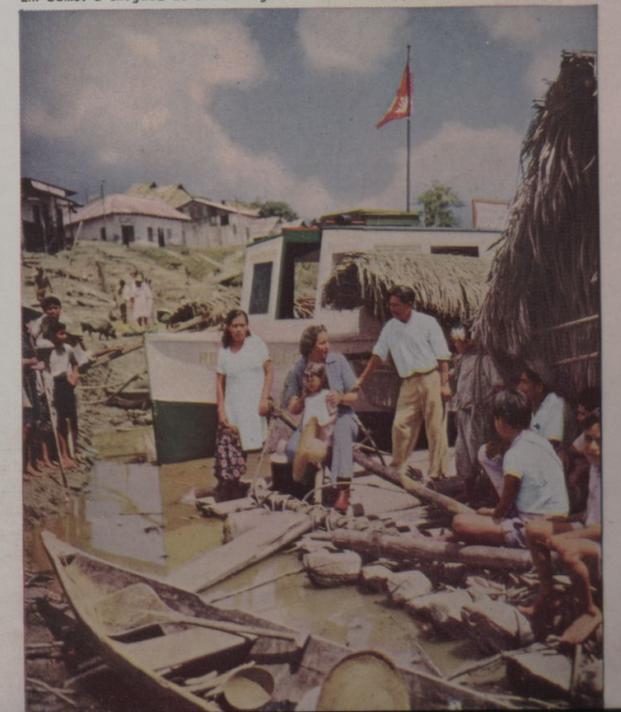
Nas Repúblicas Americanas, o programa de saúde e saneamento ora em execução merece os maiores encômios. O diário "La Prensa", do Peru, ao enaltecer, em editorial, o valor dêsse serviço afirmou que "à medida que for sendo solvido o problema de saneamento, a selva peruana irá oferecendo as vantagens de uma existência de atividade mais fértil e progressiva."



Um dos novos e numerosos dispensários flutuantes que percorrem atualmente o rio Amazonas, no serviço de saúde e saneamento da região. O dispensário que se vê na gravura está atendendo às consultas no porto de Belém, República do Peru



Esquerda: O Dr. Victor Jáuregui S., examina um pequenino enfermo, em Tamshiyacu. Em baixo: a chegada do Dr. Jáuregui e Miss E. Shinker, enfermeira norte-americana



# PERSPECTIVAS ECONÔMICAS



Nelson A. Rockefeller, Coordenador de Assuntos Interamericanos, ao dirigir-se aos delegados da Primeira Conferência de Desenvolvimento Interamericano. Vêem-se da esquerda para a direita: W. L. Pierson, presidente do Banco de

Importação e Exportação; senador W. H. White Jr.; prefeito F. H. LaGuardia, de Nova York; Sr. Rockefeller; senador Hernán Videla, do Chile; W. B. Benton, vice-presidente da Comissão de Desenvolvimento, e E. Villaseñor, do México

EM plena atividade da guerra mais custosa e mais devastadora do mundo, as Américas reuniram-se para explorar novas possibilidades de uma paz duradoura baseada num nível mais elevado de segurança econômica em todo o Hemisfério Ocidental.

Os planos colimados para os objetivos de após-guerra não encerram nenhuma utopia, antes representam um esforço cooperativo sistemático, baseado na compreensão prática de que o bem-estar futuro de cada uma das Repúblicas Americanas depende, em grande escala, do bem-estar das demais; e que todas estão ligadas entre si por laços de amizade e de interesses comuns.

Os alicéres dessa estrutura continental para o tempo de paz foram assentados logo no início da guerra, através da colaboração das Américas para ajudar o esforço das Nações Unidas. Os benefícios mútuos resultantes foram tão acentuados que os líderes industriais e financeiros das 21 nações americanas concordaram, recentemente, em estender o valioso escopo da sua

política de cooperação e de confraternização. Assim, teve lugar a reunião da primeira conferência das 21 comissões nacionais de Desenvolvimento Interamericano. A reunião realizou-se na cidade de Nova York, em Maio, a convite do Sr. Nelson A. Rockefeller, presidente da comissão central de Desenvolvimento Interamericano e Coordenador de Assuntos Interamericanos.

De um modo geral, a conferência formulou os planos para uma aproximação internacional em todas as Américas, destinada a elevar o padrão de vida, a melhorar as condições de saúde e de saneamento, estimular as possibilidades de trabalho para todos e tornar mais efetiva a colaboração na realização dos programas econômicos de geral utilidade.

Essa primeira conferência foi precedida de vários anos de contínua e crescente cooperação entre as Américas, para a solução dos problemas correntes. A Comissão de Desenvolvimento Interamericano foi criada em 1940, sob os auspí-

cios dos governos das Repúblicas Americanas. Seu propósito inicial foi ajudar o desenvolvimento industrial do continente. Durante estes anos de guerra, muito tem se expandido a sua utilidade, tornando-se aparente a vantagem dos planos cuidadosamente delineados.

Comissões nacionais de Desenvolvimento Interamericano foram criadas em cada uma das nações americanas. Compostas de proeminentes personalidades da agricultura, da indústria, do comércio e da finança, essas comissões nacionais estudaram os recursos econômicos de seus respectivos países, em comum com as das repúblicas irmãs. Seu programa, aprovado unanimemente, encara a situação do cidadão em geral, tendo por fim melhorar a sua saúde, aumentar sua oportunidade de desenvolver suas atividades vocacionais e técnicas, melhorando, ao mesmo tempo, seu padrão de vida.

Na opinião da conferência, o simples cidadão constitui a pedra angular da estrutura do continente. Se for um ente sadio, será, naturalmente,

um produtor mais efetivo. Sendo mais produtivo, terá maior poder aquisitivo, tornando-se, assim, um maior consumidor de mercadorias e de serviços interamericanos. Tornando-se mais capaz, profissionalmente, estará em melhores condições de ajudar na execução dos planos do desenvolvimento da economia do Hemisfério.

Portanto, um dos primeiros atos da conferência foi reconhecer a necessidade de maiores serviços de saúde e de educação, e de garantir o direito de associação e de convenção coletiva, o salário mínimo e o máximo de horas de trabalho, assim como um sistema de garantia social, por meio do seguro contra o desemprego e de pensões aos idosos. Depois, foi considerada a parte referente ao estímulo ao desenvolvimento e à expansão das suas próprias iniciativas, das quais ele depende para viver.

Em mensagem de boas-vindas dirigida aos delegados, o Presidente Franklin D. Roosevelt enalteceu a importância das funções que lhes competiam na preparação do futuro e na contribuição para a mobilização dos recursos estratégicos do Hemisfério. "Esta conferência e suas comissões," afirmou o presidente, "proporcionam um meio particularmente efetivo para a participação direta dos homens de negócios no progresso econômico do Hemisfério."

## Comércio e indústria

Os delegados foram acordes em reconhecer a importância do comércio e da indústria no seu papel de expandir as possibilidades de empregos. Em resoluções adotadas unanimemente, mostraram-se favoráveis ao aumento da propriedade de terras, por particulares, e às limitações nas regulações do governo, a bem do interesse público, animando assim a iniciativa particular.

Recomendaram, igualmente, a redução do controle de guerra, pelo governo, logo que essa medida for praticável, urgindo seja facilitado todo o equipamento necessário às empresas particulares, nas Américas, a juros módicos. Segundo sugestão de uma das resoluções, o capital para esse programa de expansão deverá provir de fontes particulares, devendo os fundos públicos serem usados unicamente no caso de faltarem capitais particulares.

Muitos dos delegados manifestaram a esperança de serem tomadas medidas necessárias para assegurar o trabalho sem solução de continuidade e para evitar as depressões econômicas que afligem a todos.

"Uma empresa, hoje em dia, deve proporcionar emprego contínuo," declarou aos delegados, o Sr. Adolf A. Berle, Subsecretário Auxiliar de Estado dos Estados Unidos. "Uma fábrica que paga salários relativamente altos, durante certo tempo, atraindo assim o trabalhador da terra, não pode considerar-se bem sucedida, se puser na rua, periodicamente, seus operários, à mercê da caridade pública, ou passando fome."

## Preparando o futuro

Nesse sentido, a conferência adotou várias recomendações relativas a uma maior diversificação da produção agrária e ao desenvolvimento de um método para proteger a indústria de mineração contra crises repentinas. Os delegados recomendaram também a necessidade da cooperação continental afim de reduzir "as flutuações cíclicas do trabalho, do comércio e dos preços", e estabelecer uma entidade internacional para promover a estabilização apropriada da moeda. Uma organização dessa natureza, com o auxílio de grupos financeiros mais especializados na

matéria, foi considerada pelo delegado Eduardo Villaseñor, diretor geral do Banco do México, como a base de uma estrutura econômica internacional, capaz de ajudar na "realização da paz e da prosperidade mundiais."

O delegado mexicano manifestou também sua convicção quanto a ser de caráter mundial qualquer solução de problemas econômicos internacionais. Mostrou-se favorável à proposta relativa a uma coligação do comércio mundial para "servir de reservatório, absorvendo os excessos da produção durante crises econômicas e fornecendo matérias primas e produtos manufaturados, especialmente comestíveis, aos mercados nos quais a produção tenha diminuído ou naqueles onde houver aumentado a procura de mercadorias de primeira necessidade." O senador chileno

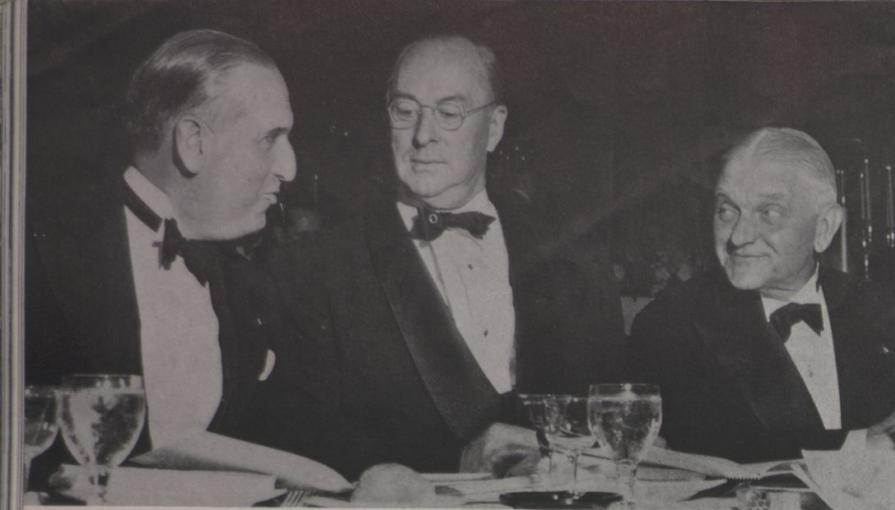
Hernán Videla, delegado à conferência, chamou a atenção para os "desastrosos resultados" que resultariam de qualquer repentina suspensão na compra de matérias primas para o esforço de guerra. Propôs a conservação dos atuais estoques de matérias primas, como reservas a serem liquidadas gradativamente. "Dessa maneira," declarou o delegado, "será possível restaurar o comércio internacional, com vantagens para todos, graças ao trabalho construtivo e permanente do desenvolvimento econômico continental, do qual resultará a elevação do padrão de vida para o trabalhador. Torna-se essencial garantir para os mercados todos os produtos básicos americanos, devendo cada país preparar seus próprios produtos para o consumo geral." A conferência foi acorde no fato de que, ao



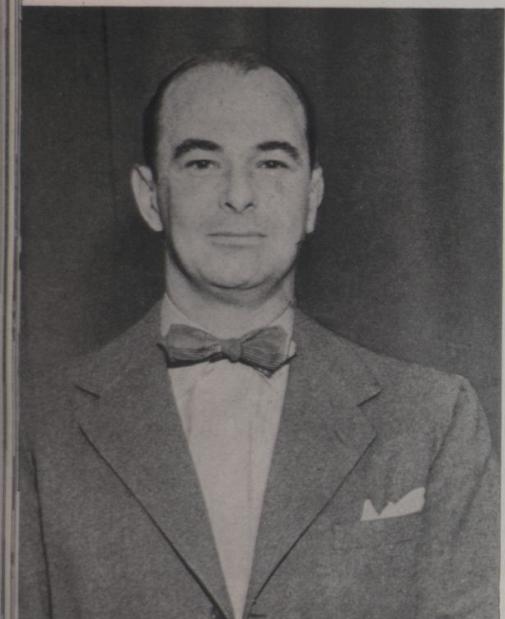
Todas as 21 Repúblicas Americanas se fizeram representar na Conferência. Da delegação brasileira faziam parte (da esquerda para a direita) os srs. J. Silvano Bueno, Dr. Ary F. Torres, Valentim F. Bouças, Dr. Jorge Kafuri e José Ribeiro Campos

Alguns dos delegados que participaram num programa de rádio. Da esquerda para a direita: Gen. H. H. Arnold, comandante da Aviação Militar dos EE.UU.; V. Bouças, do Brasil, E. A. Johnston, presidente da Câmara de Comércio, e E. Villaseñor, do México





Entre os convidados ao almoço oferecido aos delegados. Da esquerda para a direita: H. Boza, do Perú, D. M. Nelson, presidente da Junta de Produção de Guerra, e E. P. Thomas



R. Heurtematte, comerciante e industrial, delegado do Panamá, com H. Struntz Jr. e R. Ortega



terminar ou ao reduzir as compras feitas pelo governo, deviam ser tomados em consideração os efeitos econômicos resultantes dessas medidas em cada país em particular; que as nações deviam cooperar na liquidação dos produtos em excesso; que certas condições preferenciais e discriminatórias, bem como o comércio pelo Estado deviam cessar o mais prontamente possível, e que a produção de artigos sintéticos, subvencionada pelo governo, em competição com a produção de matérias primas naturais, devia ser suspensa.

O delegado Valentim F. Bouças, presidente da comissão brasileira de Desenvolvimento Interamericano, anteviu os vastos benefícios que resultarão do desenvolvimento industrial na América Central e do Sul, afirmando que "essa industrialização proporcionará ainda maior garantias para a civilização, além de proporcionar às Américas as bases da sua estabilidade econômica e do seu equilíbrio social."

O Sr. Eric A. Johnson, presidente da comissão norte-americana de Desenvolvimento Interamericano e presidente da Câmara de Comércio dos Estados Unidos, manifestou-se de acordo com o Sr. Bouças quanto aos mútuos benefícios resultantes do desenvolvimento econômico das Américas sob novas diretrizes.

Mencionando especificamente o grande projeto de siderurgia de Volta Redonda, ora em vias de conclusão, o Sr. Johnston declarou: "O aumento da capacidade produtiva de aço no Brasil trará um aumento de poder aquisitivo que beneficiará as usinas dos Estados Unidos, as quais poderão assim vender aço para o Brasil, em produtos manufaturados. O comércio aumenta através do aumento do poder aquisitivo — e isso se opera por meio da industrialização."

Dentre as 45 resoluções adotadas pela conferência destacam-se medidas atinentes a animar o desenvolvimento econômico através do comércio, da aplicação de capitais e de melhores meios de transporte — todos como fatores de caráter comercial e industrial operando em íntima harmonia com o governo.

A execução das recomendações da conferência quanto a melhores meios de transporte nacionais e internacionais, nas Américas, trará maiores facilidades para o turismo no hemisfé-

J. R. Oreamuno, à esquerda, vice-presidente da Conferência, com Donato Díaz-Medina, de Honduras



Manuel F. Jiménez-Ortiz, da Costa Rica, em palestra com o Dr. Eduardo Villaseñor, delegado do México

rio, a preços bastante reduzidos. Segundo as conclusões da conferência, isso se realizará por meio da ligação de rodovias, de ferrovias e de comunicações aéreas internacionais, com a cooperação do Congresso Interamericano de Transporte. Quanto aos melhoramentos no serviço aéreo, as viagens serão mais rápidas, o custo mais reduzido e a capacidade dos aviões será maior, havendo ainda grande expansão no número de aeródromos. Todos esses fatores terão, indiscutivelmente, grande influência numa aproximação interamericana maior e mais proveitosa.

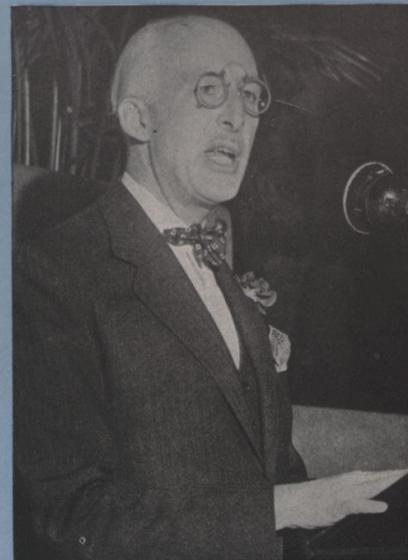
O Secretário de Estado Cordell Hull encarou os objetivos da conferência como "uma expansão de produção e de comércio baseada em princípios sãos e liberais, proporcionando maior número de mercadorias e de serviços para um público maior."

Numerosos delegados, muitos dos quais se mostravam fatigados, depois de nove dias de longas e árduas sessões, não perderam, entretanto, o ensejo de visitar várias cidades nos Estados de Connecticut e de Nova York, onde puderam observar o trabalho nas fábricas de material bélico de todos os tipos.

Dessa maneira, as Américas entregaram-se mais uma vez à tarefa de cooperação, com um escopo que vá muito além da unificação do seu programa de ação durante o período da guerra, por isso que se prende à preparação de um futuro de paz e de prosperidade para o continente.



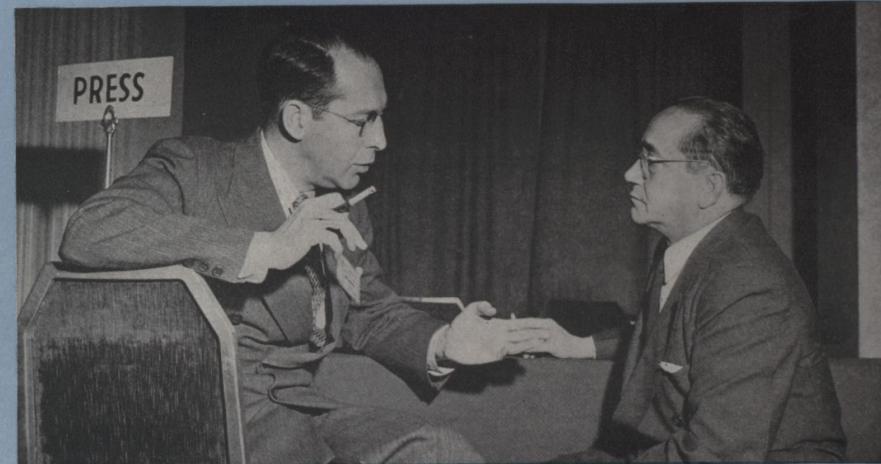
Jesús Lozada, vice-presidente do Conselho Consultivo do Tesouro da Bolívia e delegado à Conferência



"Paz e segurança só se alcançam com uma maior produção", afirma o Dr. A. Shaw, delegado argentino



André Lioutaud, embaixador do Haiti nos Estados Unidos, foi um dos representantes daquela república na Conferência



R. Sagrera Jr., delegado salvadoriano, em palestra com E. B. Freitas, delegado da República Dominicana



Rafael A. Huez, gerente do Banco da Nicarágua, e o Dr. Leon DeBayle, ex-embaixador nos EE.UU.



O senador Hernán Videla, delegado do Chile, em conferência com o seu colega, delegado Gabriel Durana-Camacho, (à dir.) da Colômbia



Ramiro Guerra, à esquerda, e José I. de la Cámara, de Cuba



Clemente Yerovi-Indaburu, presidente do Banco do Equador



Julio Gómez-Robles, sub-secretário das Finanças da Guatemala



Depois de ter sido distinguido com a Medalha de Honra, que lhe foi conferida pelo Congresso, por atos de bravura praticados durante a campanha italiana, o sargento Kelly passou alguns dias de licença com sua família, em Pittsburgh, Pensilvânia. Vêmo-lo com sua mãe e três de seus oito irmãos: Daniel, George e Eugene

## O REGRESSO DO SARGENTO KELLY

DEPOIS DE MATAR MAIS DE 40 NAZISTAS, O JOVEM HERÓI VOLTA AOS ESTADOS UNIDOS, ONDE É ENTUSIASTICAMENTE ACLAMADO POR SEUS CONTERRÂNEOS

A RUA, naquele bairro habitado por gente simples, do trabalho, em Pittsburgh, estava toda embandeirada, quando, à tardinha de um dia da primavera última, um automóvel surgiu, conduzindo um jovem sargento, de 23 anos — Charles E. Kelly. A massa popular que se acotovelava abriu alas e irrompeu em entusiásticas aclamações. Era a recepção de um verdadeiro herói, que vinha visitar sua família e sua terra natal. Das janelas, rompiam os vivas, numa demonstração de extraordinário regosijo.

Para muitos daqueles que prestavam tão expressiva homenagem ao sargento Kelly, ele era apenas um dos seus, um rapaz que fôra servir a pátria no campo de batalha e que tinha se portado heroicamente. Todos o conheciam e ainda

se lembravam do garoto, amável e modesto, que, há poucos anos apenas, brincava com seus numerosos companheiros nas ruas daquele bairro pobre, mas ativo. Interrompeu seus estudos aos 16 anos, para trabalhar numa fábrica de garrafas, afim de ajudar a sustentar sua mãe viúva e seus irmãos. Quando se deu o ataque de Pearl Harbor, Kelly alistou-se no Exército. E agora, estava de visita ao lar, vindo dos campos de batalha da frente italiana, portador da Medalha de Honra do Congresso, a mais alta condecoração de sua pátria concedida aos militares, por atos de bravura.

Quasi todos os moradores do bairro já tinham lido com orgulho, nos jornais, os feitos heróicos de Kelly e as grandes honrarias e dis-

tinções que lhe foram cumuladas pelos congressistas, e pelos jornalistas, em Washington. Tratava-se, de fato, de um soldado valente, digno de todas as homenagens.

Foi durante o tremendo ataque das forças norte-americanas contra a península italiana que o sargento Kelly demonstrou seu valor. O batalhão de Kelly tinha sido designado para estabelecer uma cabeça de ponte na praia de Salerno. As tropas desembarcaram pouco antes do amanhecer. O batalhão foi então ocupar uma difícil posição estratégica, na pequena localidade de Altavilla, na montanha, a 30 quilômetros de Salerno. Pouco a pouco, a luta assumiu tremendas proporções, com os alemães cercando as tropas atacantes.

Quatro dias depois do desembarque, na manhã de 13 de Setembro, Kelly se ofereceu voluntariamente para fazer parte de uma patrulha designada para a arriscada tarefa de silenciar várias metralhadoras do inimigo. A tarefa foi realizada sem mais delonga. Na mesma manhã, Kelly apresentou-se novamente para fazer contato com um dos batalhões da sua divisão, o qual devia estar a quasi dois quilômetros de distância, numa das colinas. Sob o intenso fogo dos atiradores de tocaia, e do fogo dos morteiros e da artilharia, Kelly fez todo o percurso arrastando-se. E ao regressar, informou que em vez de encontrar camaradas, só encontrou alemães na colina.

### A terceira missão

Aproveitando uma terceira oportunidade de se apresentar voluntariamente, Kelly foi escalado para seguir com outra força cujo objetivo era destruir metralhadoras nazistas, noutra setor. Kelly foi, lutou e voltou, já sem munição alguma, para Altavilla, onde encontrou seus companheiros dispostos a baterem em retirada, em face da superioridade do inimigo. Expondo-se, mais uma vez, ao intenso tiroteio, Kelly foi, arrastando-se, buscar munição no depósito improvisado num sobrado, naquela ocasião sujeito a contínua ataque dos adversários. Kelly recebeu

A mãe do sargento, Sra. Irene Kelly (à direita), lendo, para seus vizinhos, a notícia da próxima visita do filho. O herói também recebeu a Estrela de Prata

ordem de ficar nos fundos da casa, a noite toda. Pela manhã, estava ele numa das janelas do terceiro andar, na qual já tinha sido morto um atirador de metralhadora, e tinham ficado feridos vários outros companheiros. Era um ponto estratégico, mas perigoso. Não obstante, Kelly ali ficou atirando incessantemente com seus dois fuzis automáticos. As armas esquentaram tanto que engasgaram. Nêsse momento crítico, quando já não tinha mais armas e os alemães se aproximavam cada vez mais, Kelly encontrou, por acaso, vários projéteis de morteiros, de calibre .50mm., dos quais se serviu para atacar os alemães, matando cinco.

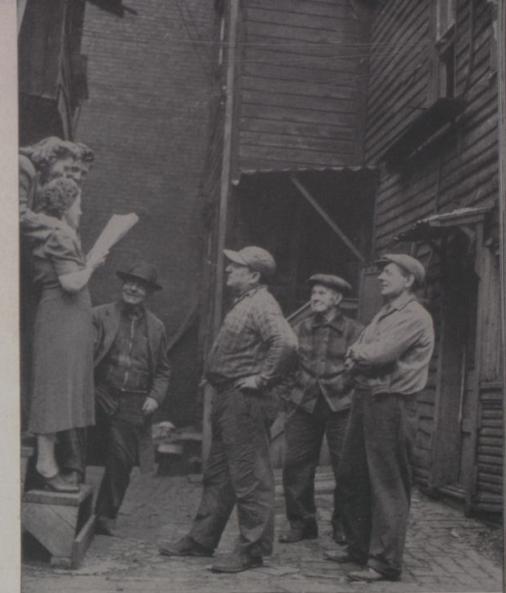
O inimigo, porém, se acercava e em maior número. O destacamento resolveu se retirar. Kelly encontrara outra arma automática e ficou para garantir a retirada. Quando se afastou o último dos seus companheiros, Kelly continuava, sozinho, numa das janelas, atirando o mais que podia. Apesar das dificuldades, conseguiu, finalmente, livrar-se daquela situação e reunir-se aos seus companheiros, sem ter sofrido ferimento algum. Durante o tremendo combate, o número de alemães mortos por Kelly foi calculado, oficialmente, em quarenta. Por êsse ato de bravura, foi ele distinguido com a mais alta condecoração militar de sua pátria.

No seio da sua família e entre tantos amigos e admiradores que o receberam tão festivamente, o jovem militar, na sua modéstia, procura esquivar-se a elogios, e, como bom soldado, anseia por se reunir aos seus companheiros no campo de batalha. Entretanto, já experimentado nas emoções da arma de infantaria, Kelly agora não esconde seu desejo de fazer parte da aviação.

O sargento Kelly (à direita) votando nas eleições primárias, no seu Estado, como simples cidadão



A família Kelly aguarda, das janelas, a chegada triunfal do heróico sargento, de cuja recepção também participam seus vizinhos e amigos. Sobre a entrada da casa estão os nomes de seis irmãos Kelly, ora no serviço das forças armadas. Na gravura à direita: o sargento Kelly ao abraçar sua mãe, por ocasião de sua visita





Um avião americano, rebocando um planador conduzindo tropas de assalto, ao passar sobre os montes Chin, a barreira natural entre os territórios ocupados pelas tropas japonesas e pelos aliados

## A INVASÃO DA BIRMÂNIA POR PLANADORES



O ataque, por um bombardeiro da Primeira Força Aérea, contra as linhas de comunicações dos japoneses, na Birmânia. Os aeródromos construídos em plena selva para servirem de base para esses aviões foram trabalho das tropas de engenharia que se fizeram transportar em planadores. Na gravura vê-se o incêndio de um depósito



O tenente-general J. W. Stilwell (à esquerda), chefe das forças americanas na Birmânia, e o general de brigada F. Merrill

Ao se aproximar do ponto designado, o enorme planador, rugindo contra o vento da noite, largou o cabo de reboque que o ligava ao avião, e deslizou sobre a pequena clareira, nas matas da Birmânia, em pleno território ocupado pelos japoneses. A bordo iam tropas de engenharia e sapadores americanos e tropas de assalto britânicas.

A pequena clareira não era muito visível nem mesmo nas fotografias tiradas especialmente pelos observadores para o quartel-general dos aliados, na Índia. Era apenas um pequenino ponto assinalado nas matas, cercado de montanhas. Mas o planador não teve dificuldade de encontrar o local e, com ajuda do luar, fazer sua aterrissagem, em terreno coberto de mato seco, onde os búfalos e os elefantes deixavam suas pegadas.

A tresentos metros acima daquela selva traçoira, outras planadores iam deixando, aos pares, seus respectivos aviões rebocadores. Alguns conduziam mais tropas, outros traziam possantes tratores e máquinas de planar o terreno. Era uma audaciosa aterrissagem, feita a duzentos quilômetros apenas, na retaguarda das linhas inimigas, correndo todos os riscos do ataque das co-

lunas avançadas japonesas e dos numerosos obstáculos naturais imprevistos na remota região. Esse, entretanto, foi o epílogo, a prova final, depois de sete longos meses de intensa preparação de planos de grande significação militar. Tratava-se de aplicar uma tática fóra do comum, concebida pelo general Henry H. Arnold, das forças aéreas dos Estados Unidos, e executada pelo jovem coronel Philip G. Cochran, intrépido aviador americano. Seria um golpe magistral, cujo fim era ajudar os chineses na sua campanha para expulsar o inimigo ao norte da Birmânia.

A execução do plano exigia operações aéreas das mais audaciosas na história da guerra. Planadores, pilotados por aviadores americanos, conduziriam tropas de engenharia e tropas de assalto que deveriam aterrissar numa clareira, na selva, a despeito da possível presença do inimigo nas imediações. Dentro de poucas horas construiriam uma grande pista para a aterrissagem de centenas de aviões transportes, conduzindo tropas americanas, inglesas e hindús, assim como peças de artilharia ligeira, abastecimentos e animais de carga. Noutro ponto, a vários quilômetros ao sul, na mesma região da Bir-

mânia dominada pelos japoneses, idêntica operação seria levada a efeito por outra força de "comandos", de engenheiros e demais tropas.

O plano significava também uma arriscada marcha de dois meses para as forças do general Orde C. Wingate, comandante britânico da famosa "coluna Wingate", de tropas de assalto. Dessarte, iriam suas tropas ficar a cavaleiro das principais linhas de comunicações dos japoneses, ao norte da Birmânia.

### O grande momento

De regresso ao centro de concentração dos planadores, na Índia, o coronel Cochran reuniu suas tropas e fez uma última análise do plano. "Vejam esses dois espaços assinalados no mapa," disse ele. "Nenhum de nós já esteve lá, mas temos interessantes fotografias do local. Daqui a pouco, os planadores, conduzindo tropas e material bélico, seguirão para lá. Vamos transportar um exército inteiro para a retaguarda dos japoneses. As clareiras têm que ser ocupadas e mantidas a todo custo. Lembrem-se de que os planadores vão, mas não voltam. Felicidades!" E depois, como que se lembrando de mais

uma importante recomendação, concluiu: "Esta vai ser a noite decisiva. Tudo que já fizeram até agora pouco importa. O essencial é o que será feito dentro de poucas horas. E não se esqueçam da palavra de passe: *Mandalay!*"

Os soldados, imediatamente, começaram a tomar seus lugares nos planadores, com calma, mas sem perda de tempo. Todos iam completamente equipados e armados com fuzis, com metralhadoras, pistolas, facas e granadas. Ao ser dada a ordem de partir, o primeiro planador foi sacudido por um forte solavanco, ao esticar o cabo de reboque, mas não tardou em ganhar velocidade ao longo da pista, elevando-se, finalmente, sem mais contratempos. Formados em longas linhas, os soldados iam embarcando noutros planadores, que, um a um, punham-se em movimento, ganhavam altitude e seguiam serenamente para a sua missão. Fuzis e baionetas faiscavam sob os últimos raios solares. Em baixo, a selva densa, purpúrea, ia escurecendo cada vez mais, até se tornar completamente negra. Já então, os planadores iam atravessando a fronteira da Birmânia, voando sobre território ocupado pelo inimigo. Reinava uma natural ansieda-



O maj.-gen. O. C. Wingate, comandante das tropas que atacaram os japoneses. O general morreu num desastre de aviação



**Muares** que foram transportados nos planadores, durante a noite, para o interior da selva da Birmânia, onde serviram nos trabalhos de construção dos aeródromos e no transporte de material bélico e de mantimentos das tropas aliadas. Estas também foram transportadas em grande número de planadores

**Durante** um momento de repouso, as tropas aliadas que invadiram a Birmânia, travam conhecimento com os naturais da região. Vemos na gravura o soldado Wayne A. Martin mostrando a um rapazinho como se masca o chiclé



de. "Só temos mais 20 minutos," disse, calmamente, um oficial. Ouviu-se um ruído metálico de carregar fusis. Os soldados começaram a ajustar as peças do equipamento e os cintos de segurança. Pouco depois, o primeiro planador largava o cabo de reboque. Voando a uma velocidade de 160 quilômetros por hora, seu piloto, o major americano William H. Taylor, não tardou em encontrar a clareira designada. Baixando o vôo, desviou o aparelho de uma árvore, contornou arbustos e toras de madeira, tocou a terra e, com um solavanco, estancou. Abriam-se as portas e os soldados saltaram, carregando pequenos vasos, com uma substância incandescente. Uma vez acêso, serviam para guiar os outros planadores para o ponto de aterrissagem. Em poucos minutos, foram chegando mais planadores, conduzindo tropas. À medida que iam saltando, penetravam na floresta, em leque, na constante expectativa de um contra-ataque do inimigo. Patrulhas avançadas seguiam em todas as direções, procurando vestígios das forças japonesas, mas inutilmente. A não ser o ruído agudo das aves que pareciam incomodadas com a presença daqueles estranhos, tudo indicava que o inimigo já ser, de fato, tomado de surpresa.

### Precações da missão

Os sapadores apressaram-se em remover do pequeno campo de aterrissagem os planadores, afim de permitir a descida de outros que iam chegando. De uma feita, apesar de todas as precauções, um dos planadores que chegava, na escuridão, chocou-se violentamente com outro, que já estava em terra. Os dois aparelhos ficaram reduzidos a uma massa informe. Médicos e enfermeiros atenderam imediatamente os feridos. Alguns corpos foram removidos. Outros acidentados vieram exigir o tributo de vidas durante as operações de aterrissagem. Mas enquanto se cuidavam dos feridos e se sepultavam os mortos, com todos os rituais da fé religiosa, novas tropas de engenharia chegavam e entregavam-se ao trabalho de construir o aeródromo indispensável aos objetivos da missão.

Foi esse um trabalho árduo, penoso. As árvores eram abatidas a dinamite e as toras e os troncos removidos pelos tractores. A seguir, iniciava-se o trabalho de terraplanagem, com possantes maquinismos. E ao romper do dia, sob o calor úmido que reinava na selva, a vasta clareira já tinha outro aspecto. Em cinco horas, os engenheiros tinham construído uma sólida e longa pista, de terra batida, pronta para os aviões que vieram buscar os feridos. Oito horas mais e os trabalhos de construção de uma pista ainda maior estavam terminados, pista destinada aos grandes aviões transportes de tropas. Dentro de 25 minutos, chegou o primeiro transporte. Os engenheiros e sapadores, que durante 26 horas tinham trabalhado sem cessar, alimentando-se de bolachinhas e géleas, apenas, contemplaram com certo orgulho a aterrissagem do primeiro

**As guarnições** de terra, na base dos planadores, foram incansáveis na preparação desses transportes para as tropas que atacaram a retaguarda das tropas japonesas. Os cabos de reboque mereciam especial atenção



dos doze transportes que traziam as tropas de assalto. Depois foram dormir, ali mesmo no campo aberto. Era o seu primeiro sono, em 38 horas.

Durante as seis horas que se seguiram, milhares de soldados vieram consolidar aquela importante posição. O aeródromo estava agora guarnecido com forças em número bastante para enfrentar um ataque. E, quando chegou o último avião transporte, o general Wingate tinha ali um exército bem armado e equipado, com artilharia e proteção aérea necessárias, pronto para entrar em ação no cerne do território ocupado pelo inimigo.

### Supremacia aérea

A vários quilômetros, ao sul, também em zona dominada pelos japoneses, numerosos outros planadores fizeram sua aterrissagem, conduzindo tropas e material bélico. Jackie Coogan, o famoso astro juvenil do cinema de outros tempos, pilotava o primeiro planador a chegar. Grande parte dos maquinismos foi destruída durante uma das aterrissagens, mas as tropas ficaram escondidas na mata, até receberem novas peças e novas máquinas. Quatro horas depois, os engenheiros completaram a construção de uma longa pista, destinada aos aviões que traziam tropas britânicas.

E foi assim que, naqueles aeródromos improvisados, os aviões transportes chegaram numa média de um aparelho cada 47 segundos, durante duas horas. As tropas assim transportadas ocuparam as florestas adjacentes, concluindo uma das operações táticas de maior significação na guerra na Birmânia, porque foram estabelecer poderosos pontos de apoio a sudeste da base japonesa de Mytkynia, perto da fronteira da China.

Alguns dos planadores que perderam o rumo, aterrissaram desastrosamente em plena mata, resultando daí vários combates entre os soldados aliados e as guardas avançadas dos japoneses. Mas a grande maioria das tropas transportadas nos planadores chegou ao destino convencionado. Dentro de poucas horas, os aviões britânicos começaram a operar de suas bases situadas na selva, para surpresa das forças japonesas que se viram atacadas incessantemente, nos pontos mais vitais das suas linhas de comunicações. O plano de ataque foi executado com tanta maestria que somente depois de oito dias verificaram os japoneses a necessidade de mandar seus aviões de observação para localizar os pontos de concentração de tantas tropas e de tantos aviões dos aliados. Os aviões ingleses, entretanto, não permitiram a aproximação de nenhum aparelho inimigo, dando-lhes caça imediatamente.

Ficou assim completa a audaciosa missão. A aplicação da velha doutrina militar de atacar o inimigo pela retaguarda não poderia ter tido melhor sucesso. O transporte de tropas, pelo ar, demonstrou mais uma vez, ser um fator de grande valor estratégico.

**Vários** pilotos dos planadores e alguns dos membros dos "comandos" do coronel Philip G. Cochran, pouco antes de partirem para sua missão. Na extrema direita está o piloto Jackie Coogan, ex-astro do cinema



**O coronel** Philip G. Cochran, das forças aéreas dos Estados Unidos, autor do plano de invasão, por meio de planadores, da região da Birmânia ocupada pelos japoneses. Durante sete meses foram ativados os trabalhos de preparação para o formidável ataque contra as linhas de comunicações do inimigo

**Treinados** durante sete meses para a invasão, as tropas, no momento oportuno, tomaram suas posições com uma precisão cronométrica. Os muares, entretanto, não embarcaram nos planadores sem certa relutância





**Nova York** — que foi outrora a pequena capital dos Estados Unidos — é hoje uma gigantesca metrópole de mais de sete milhões de habitantes e o maior centro comercial e cultural da nação. A gravura acima mostra uma vista da sua famosa Park Avenue, no cruzamento da Rua 38. Ao fundo, três arranha-céus contrastam com alguns

dos pequenos edifícios construídos durante outras fases do desenvolvimento da cidade. O arranha-céu à esquerda é o edifício de sessenta andares situado na Quinta Avenida, N. 500; o do centro é o da Avenida Madison, 285, e o à esquerda é o Lincoln Building que fica na Rua 42, perto da Grand Central, uma das maiores "gares" do mundo



A colheita do feno, numa fazenda de criação. Os quatro Estados da costa do Atlântico são grandes produtores de leite, de laticínios, de galináceos, ovos e frutas

## QUATRO ESTADOS DA COSTA ATLÂNTICA

O autor do seguinte artigo, Henry Seidel Canby, é, atualmente, uma das figuras literárias de maior destaque nos EE.UU. Nasceu em Delaware, um dos Estados aqui descritos.

OS quatro Estados da costa atlântica dos Estados Unidos—Nova York, Pensilvânia, Nova Jersey e Delaware—não constituem uma região propriamente, como a da costa do Pacífico, ou a do sul. Contudo, formam uma área de litoral bastante variado, de grandes planícies ao longo da costa, de terras férteis, de longas montanhas e de magníficos vales. Seus limites são mais culturais do que geográficos. A léste e ao norte, a área é limitada pela Nova Inglaterra, zona de terreno mais acidentado e menos fértil, mas de vida própria, desde os primeiros tempos da sua colonização. Ao sul, tem limites com o Estado de Maryland, onde começam as grandes plantações,

outrora trabalhadas pelo braço escravo. Para o ocidente, através das montanhas e da região dos lagos do Estado de Nova York, fica a região do centro oeste norte-americano, cuja história humana é mais moderna um século e meio. Durante os séculos XVII e XVIII, o atual Estado de Nova York ocupava unicamente o vale do rio Hudson, importante via de comunicação com o continente, tendo a ilha de Manhattan, que agora é parte da cidade de Nova York, no seu extremo sul. No outro extremo estava a velha cidade de Albany, último reduto da civilização que avançava em direção ao Canadá francês, ou da zona dos Grandes Lagos—o Ontário, o Erié, o Huron, o Michigan e o Superior—que se estende por mais de 3.000 quilômetros para as planícies abaixo dos Montes Rochosos. Para além de Albany havia somente as comunicações fluviais, por meio de canoas, ou os caminhos



O "Independence Hall", em Filadélfia, onde, em 1775, George Washington recebeu sua investidura de general do Exército Continental. Em 4 de Julho de 1776, aí foi adotada a Declaração de Independência e, em 1787, uma convenção completou a Constituição



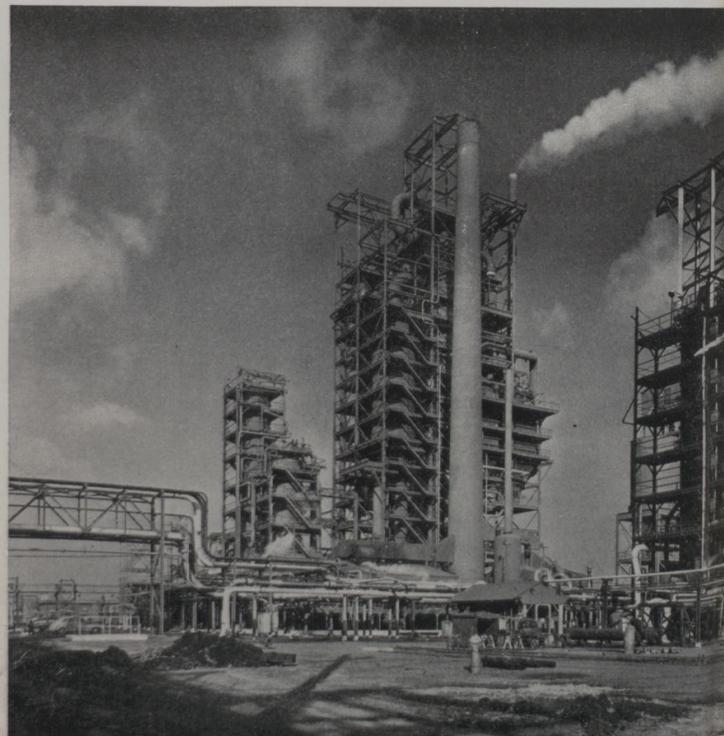
**Os recursos** naturais do Estado de Pensilvânia são dos mais valiosos para a economia nacional, destacando-se, dentre os mais importantes, o petróleo, o ferro e o carvão, que alimentam a indústria de guerra. Vê-se na gravura uma das minas de carvão, em Scranton, onde a produção atinge agora o máximo

abertos pelos pioneiros nas florestas da serra do Adirondack. Em princípios do século XIX, um verdadeiro império foi adicionado à parte civilizada de Nova York; daí a origem do cognome Estado-império. A serra dos Apalaches, estendendo-se desde os confins do sul dos Estados Unidos, ao longo da costa do Atlântico, foi a grande muralha que os primeiros pioneiros tiveram que vencer com grandes dificuldades ou desistir do intento, completamente. Os montes Apalaches terminam ao sul do Estado de Nova York, mas entre o extremo da serra e o primeiro dos grandes lagos, o Ontário, havia uma série complicada de estreitos lagos e de vastos trechos de terras pantanosas, dominadas pelas tribus mais poderosas, as seis "nações" dos índios iroqueses. Um dos rios do vale, o Mohawk, afasta-se do Hudson, perto de Albany, seguindo para o oeste, através dessa região. Os imigrantes atravessaram o vale, colonizaram todo o interior de Nova York e, seguindo o canal de Erié, construído paralelamente ao rio Mohawk, alcançaram o lago Erié, de onde se estendia a grande região oeste, que ainda estava por colonizar, aguardando o influxo da civilização.

#### A fundação de Nova York

Os holandeses fundaram a cidade de Nova York em 1626, como um entreposto comercial de peles. Com seu magnífico porto, breve se tornou populosa e rica. Entretanto, não foram os holandeses, mas os americanos da jovem república, dois séculos mais tarde, que avançaram pela parte oeste de Nova York e a transformaram num dos celeiros agrários mais ricos do país. E à medida que se ia operando a colonização da vasto oeste americano, Nova York foi se tornando, primeiro, a maior cidade comercial dos Estados Unidos e, depois, a maior do mundo.

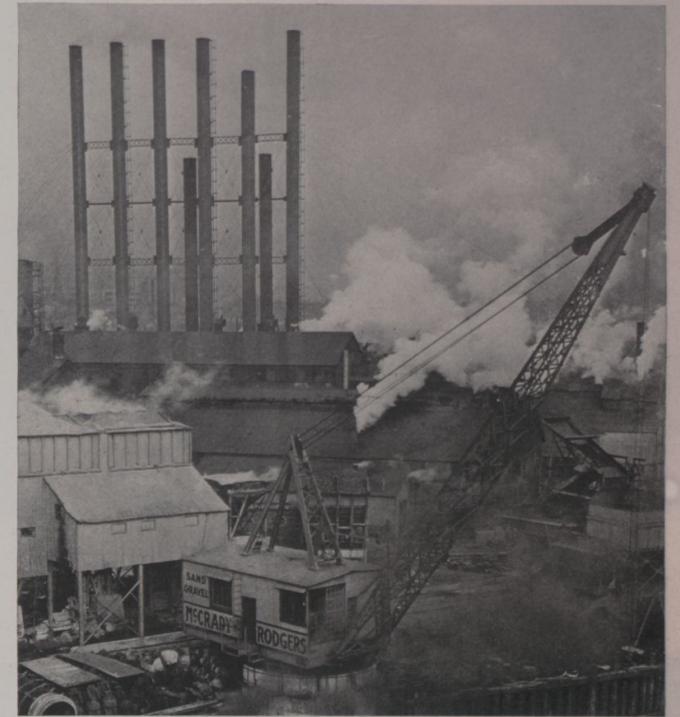
A diferença entre o Estado de Nova York e a cidade de Nova York é evidente. O Estado, fóra da cidade de Nova York é uma grande região de recursos próprios, onde se encontram importantes cidades industriais, como Rochester, o grande centro de fabricação de câmeras, de filmes e de



**De refinarias** de petróleo, como essa, situada em Bayway, no Estado de Nova Jersey, se abastecem do precioso combustível, em suas várias formas, as indústrias bélicas das Nações Unidas



**Um dos** numerosos navios cargueiros recentemente lançados ao mar nos antigos e famosos estaleiros de Wilmington, Delaware



**Mais** no interior estão as grandes usinas de aço que abastecem os estaleiros e as fábricas de armamentos. Vemos na gravura uma das usinas, em Pittsburgh

material fotográfico, ou Búfalo, um dos portos interiores, do vasto sistema de navegação dos Grandes Lagos, cidade notável pela sua indústria metalúrgica e pela produção de numerosas mercadorias. É também uma região de milhares de plantações e de fazendas de criação, de florestas, muitas das quais ainda estão por desbravar, de valiosas pedreiras, de minas de petróleo e de sal.

A cidade de Nova York é, em si mesma, a própria América do Norte, uma cidade industrial, sendo também o centro bancário do continente e o principal centro de importação e de exportação. É a cidade mais cosmopolita dos EE. UU. e a que se acha em mais íntimo contato com a Europa e com as outras Américas. É o centro por excelência de diversões do país, com o teatro em pleno vigor. Nova York destaca-se também pela sua crescente e preponderante atividade cultural e artística. Sua indústria do livro tem tido grande desenvolvimento, assim como tudo quanto se relaciona com a educação. Seus grandes jornais e revistas exercem notável influência na opinião pública nacional. A estreita ilha na qual a velha Nova York foi construída pode ser, de um modo geral, dividida em zonas. No extremo sul está o distrito financeiro, com seus enormes arranha-céus e movimentadas ruas estreitas. Vem depois a parte onde está centralizada a atividade dos negócios, dos grandes armazéns e depósitos. Perto de Washington Square, destacam-se as antigas residências, sendo essa a zona limítrofe da famosa Greenwich Village, onde predominam os *ateliers* de pintores e há uma atmosfera de boemia que se reflete em seus apartamentos, seus restaurantes e na sua própria vida noturna. Do outro lado, a leste, está uma das partes mais antigas da cidade, ruidosa e cosmopolita, pobre, mas sempre ativa e original.

**Um aspecto** (à direita) da Bolsa de Nova York, o "Stock Exchange". As incertezas da guerra frequentemente aumentam as atividades de compra e venda de títulos

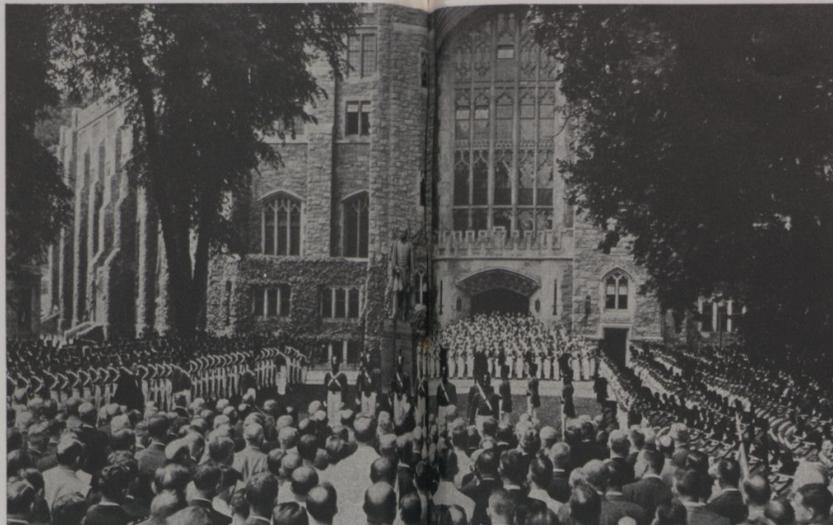
**Colhendo** batata à máquina, em Nova Jersey. Assim são dispensados numerosos trabalhadores, cujos serviços se tornam mais urgentes nas forças armadas





**A famosa** casa que serviu de quartel-general do general George Washington, durante a guerra da Independência, na qual suas forças enfrentaram uma das mais memoráveis campanhas

**A catarata** do Niagára, de 54 metros de altura, entre Nova York e o Canadá. Suas águas se originam no Lago Erié, afluindo depois para o lago Ontário e para o rio São Lourenço



**A Academia** de West Point, no Estado de Nova York, fundada em 1802. Mesmo antes da guerra, recebeu para 2.000 o número dos cadetes. Numerosos e famosos líderes militares dos EE.UU. aí fizeram seu curso



**Vista** da imponente catedral de São Patrício, situada na Quinta Avenida, em Nova York. Foi consagrada em 1879, sendo um dos símbolos mais expressivos da fé católica nos Estados Unidos

Da Rua 34 à Rua 59 estende-se um grande centro de diversões e de comércio variado. Ai estão os hotéis, os teatros, os grandes cinemas e os colossais arranha-céus, com milhares e milhares de escritórios comerciais e de outras atividades, destacando-se, nesse distrito, os edifícios Empire State e os da Radio City, os maiores do mundo. Mais ao norte, encontra-se o Central Park, quase dois quilômetros de belas árvores e pitorescas alamedas que separam a ilha em duas grandes zonas, a do oeste e a do leste. Esta é notável por ser a parte elegante, de magníficos apartamentos e de casas de residência, enquanto que aquela é mais cosmopolita e profissional em seus aspectos. No oeste, suas grandes casas de apartamentos defrontam o rio Hudson, e no leste, o próprio Rio Leste. Mais acima, está o Harlem, o maior bairro negro do mundo e, do outro lado de Rio Leste, alongam-se os dois importantes distritos, o de Brooklyn e o de Queens. Em ambos os lados, a ilha é marginada por longos e modernos boulevards que, através de túneis, grandes pontes e barcas se ligam a um vasto sistema de rodovias que se ramifica pelo interior a dentro, em todas as direções. Quando havia livre consumo de gasolina, milhares de automóveis enchiam essas artérias de comunicação, num trânsito contínuo, conduzindo moradores, forasteiros e turistas do país inteiro e principalmente dos Estados de Nova York, de Nova Jersey e de Connecticut.

### A grande metrópole

Quem quer que venha a Nova York pela primeira vez pode escolher uma cidade dentro da própria cidade. Pode, por exemplo, permanecer no centro financeiro e do alto comércio, inteiramente alheio ao resto da metrópole. Pode ficar unicamente na zona elegante limitada pelo comércio refinado da Quinta Avenida e da Avenida Madison, ou pode escolher a zona teatral e das diversões, na Broadway. Há ainda os grandes museus de arte, como o Metropolitan, os salões de concêrto, como o Town Hall, e o Carnegie Hall; o museu de História Natural, perto do Central Park; a Universidade de Colúmbia, ao

norte do Central Park; a Universidade de Nova York; a Universidade de Fordham, uma das maiores universidades católicas da região; o Manhattan College e o City College de Nova York. Dentre os institutos femininos de ensino, destacam-se o Hunter College, o Barnard College, o Manhattanville College do Sagrado Coração e o College of Mount St. Vincent. Nova York, com todos os seus contrastes, é a cidade mais dinâmica, de vida mais intensa e, ao mesmo tempo, uma das mais disciplinadas do mundo. Sua beleza original tem encantos que se refletem na imensidade de suas torres, quando se iluminam.

Nova Jersey é um acidente histórico. Sua parte norte é uma região montanhosa, com jazidas de minérios e importantes fazendas de criação, as quais, geograficamente não podem ser separadas da zona rural do sudoeste de Nova York e do norte de Pensilvânia. Sua península meridional, que se projeta pelo Atlântico, é uma extensão da planície que se encontra ao longo da costa, de terras arenosas, mas férteis. Uma outra planície, esparsamente habitada, separa a sua parte central dos subúrbios e de pequenas cidades de Nova York, de um lado, e de Filadélfia, de outro. Dois rios, o Delaware e o Hudson formam seus limites naturais. Nos tempos coloniais, esses mesmos rios separavam Nova Jersey da Pensilvânia dos "quakers" e de Nova York dos holandeses. Foram ainda esses rios e seus pântanos, então difíceis de atravessar, que unificaram Nova Jersey, como um Estado, tornando-o independente dos seus vizinhos, maiores e mais poderosos, desde os primeiros tempos.

A zona do leste de Nova Jersey, abaixo das montanhas, é realmente parte do grande pórtio de Nova York. Ai se encontra Bayonne, importante centro de refinarias de petróleo e de exportação; Newark, cidade industrial de meio milhão de habitantes, e dezenas de subúrbios e de pequenos centros de produção. No sudoeste, está Trenton, capital do Estado, que também se destaca pela sua indústria de banheiras e de acessórios, considerada a maior do mundo. Está atualmente ativa na produção de material bélico. Na zona rural central encontra-se Princeton, uma das

mais antigas e mais reputadas universidades. Na costa, ao sul, está Atlantic City, afamado ponto de veraneio. É uma cidade de hotéis, com um longo "passeio" à orla do mar, construído de aço.

Pensilvânia foi o último dos treze Estados originais da costa norte do Atlântico a ser colonizado. Os suécos e os holandeses dominavam o rio Delaware, que dava acesso a terras muito ricas. Pouco depois de terem caducados seus direitos de propriedade, no século dezessete, William Penn adquiriu direitos sobre uma vasta, mas indefinida região que se estendia ao oeste do Delaware. Levou para lá numerosos "quakers", industriais e trabalhadores, que tinham sido perseguidos na Inglaterra, comprou várias terras aos índios e, dentro em breve, fundava uma cidade modelo, Filadélfia, situada numa região fértil e fácil de habitar. E assim, até os princípios do século dezenove, Filadélfia foi a capital financeira e cultural da jovem república. Pouco a pouco, porém, foi cedendo preferência a Nova York, por causa da sua difícil ligação com o mar. À proporção que os navios foram aumentando de dimensões e de calado e a travessia para a Europa foi se tornando mais rápida, o comércio deixou de se arriscar na longa viagem pelo estuário do Delaware, preferindo o pórtio ideal de Nova York, que dista cinco milhas apenas do Atlântico.

### A histórica Filadélfia

Na sua era áurea, Filadélfia foi, durante dez anos, a capital política da nação, antes de ser fundada a cidade de Washington. Tornou-se a mais adiantada nas ciências, sobretudo a ciência médica. Foi um grande centro de publicações, especialmente de magazines. Tornou-se o maior centro industrial e de exportação de farinha de trigo e de outros gêneros alimentícios.

Contudo, Filadélfia, apesar de ser atualmente a terceira cidade dos Estados Unidos, em população, permaneceu importante economicamente e como um grande centro industrial, graças aos seus recursos naturais, descobertos e explorados na região montanhosa, adquirida por Penn, juntamente com as terras do vale do Delaware. Para

além das ricas terras agrárias da zona do leste de Pensilvânia, se estendem as serras, numa distância de 800 quilômetros até Pittsburgh, onde correm magestosos os vastos rios Ohio e Mississippi, que ligam o Estado com o vasto vale do interior do continente e com o golfo do México, em Nova Orleans. Ao noroeste, Pensilvânia alcança o lago Erié, entrando assim em contato com a região Grandes Lagos, contato que lhe tem facilitado um vasto e constante desenvolvimento na distribuição de seus produtos. O Estado de Delaware, que, depois do de Rhode Island, é o menor da União, forma uma pequena faixa ao longo do estuário do rio Delaware, abaixo de Filadélfia, no ponto onde os suécos primeiro estabeleceram a sua colonização. Suas terras baixas são planas e arenosas, mas se adaptam admiravelmente à cultura de frutas, de certos legumes e à criação de galináceos, sendo, em certa parte, o maior centro dessa criação nos Estados Unidos. Ao norte, o Delaware é uma pequena região de lindas montanhas e de cursos d'água, em redor da velha cidade de Wilmington. Desde o século dezoito, tem sido constantemente industrializado, primeiro por meio da força hidráulica, depois por meio do vapor. A maior indústria de farinha de trigo das colônias se desenvolveu nas quedas d'água do Brandywine, onde, pouco depois começou, com grande sucesso, a fabricação da pólvora, indústria iniciada por uma família francesa, os du Ponts. Desde há muito tempo, outros Estados têm excedido o de Delaware em várias indústrias, mas a direção e os maiores proprietários de uma das mais vultuosas indústrias químicas do mundo, a firma E. I. du Pont de Nemours & Co., ainda continuam em Delaware.

A constante fusão que se verificou, de importantes elementos colonizadores, elementos oriundos de tantas nacionalidades, tais como os elementos ingleses, os holandeses, os irlandeses, os alemães, os franceses, os escoceses e os suécos, formou nessa região central do leste dos Estados Unidos um espírito de tolerância e uma energia que, frequentemente, não são mais que o resultado da mistura de características raciais em choque.

# GUERRA À PENÚRIA



Os 150 delegados e observadores das 21 Repúblicas Americanas e de 23 outras nações ouviram o Presidente Roosevelt numa saudação enaltecendo os nobres propósitos da Vigésima-Sexta Conferência da Organização Internacional do Trabalho, realizada em Filadélfia



Líderes trabalhistas presentes à conferência. Vê-se à direita William Green, dos E.E.UU., em palestra com Vicente Lombardo Toledano, delegado do México, e Nopoleón Molina, da Colômbia. Em cima: delegados e consultores à conferência: Yllanes Ramos, do México; Guilherme Vidal Leite Ribeiro, do Brasil, e Agustín García López, do México (sentado); Juan Díaz Salas, do Chile; Carlos A. Vidal, do Perú, Oscar Heiremans Brockmann, do Chile e Antonio Fernández del Castillo, do México

UM dos primeiros atos da conferência da paz de Versalhes, depois da última guerra, foi providenciar para a formação de uma organização internacional do trabalho, na qual, empregadores, empregados e governos fossem representados. Hoje, depois de 26 anos, essa organização está sobrevivendo nos escombros da velha paz e surgindo como um poderoso instrumento para a colaboração internacional no campo do trabalho internacional.

Sob o lema "A pobreza em qualquer parte é uma ameaça à prosperidade em toda parte," a organização já está iniciando uma campanha para chamar atenção para a necessidade de níveis mais elevados dos emprêgos, assim como do padrão de vida, depois da cessação das hostilidades. Dessarte, os problemas dos povos mais remotos estão merecendo a mesma atenção recebida pelos dos países mais adiantados.

O valor do programa em vista pode ser estimado pelo fato de dar a conferência atenção ao problema do trabalho para todos, ao direito às convenções coletivas, ao seguro social, à educação, às habitações adequadas, à saúde, às tabelas mínimas mais elevadas para o trabalhador, e, ao mesmo tempo, formular recomendações relacionadas com os problemas econômicos. O programa que a conferência recomendou inclui também as medidas necessárias para o estabelecimento de equilíbrios internacionais, para assegurar, entre as nações, uma distribuição adequada da sua produção, para reprimir o monopólio, desenvolver a competição e a flexibilidade dos preços, animando igualmente a movimentação de capitais para as áreas onde os mesmos sejam necessários. Atenção também será dada aos trabalhos de restauração dos países devastados pela guerra, à conversão da produção de guerra para a da paz e à distribuição apropriada da produção de mercadorias, que aumentará enormemente depois da guerra.

## A Carta de Filadélfia

As bases desse programa foram estabelecidas na vigésima-sêxta conferência anual da organização, realizada em Filadélfia, na primavera passada. Ficou sendo conhecida como a Carta de Filadélfia. Nela, empregados, empregadores e delegados do governo estabeleceram certos princípios básicos, segundo os quais o trabalho não deve ser considerado como mercadoria; a liberdade de pensamento e de associação são essenciais ao progresso, e todos os entes humanos, seja qual for sua raça, seu credo ou seu sexo, têm direito de aspirar ao próprio bem-estar e ao desenvolvimento espiritual num ambiente de liberdade, de dignidade, de segurança e de oportunidades iguais. O trabalho para todos foi considerado como objetivo primordial, a ser tratado pela organização e por outras correlatas, internacionais. Ficou outrossim estabelecido que o mérito de qualquer projeto deve ser julgado de acordo com a contribuição que o mesmo fizer para a elevação do padrão geral da vida.

Conquanto muitos dos problemas mais presentes se refiram às condições a serem enfrentadas nos países ora ocupados pelo Eixo, os delegados não deixaram de tomar na devida consideração as medidas a serem aplicadas para elevar o padrão de vida nas Américas, depois da guerra. A delegação da Bolívia, por exemplo, levantou a questão das condições de trabalho nas minas dessa república, tão rica de recursos naturais. Foram citadas várias conclusões das investigações feitas pelo Fundo de Economia e de Seguro dos Trabalhadores, da Bolívia, a pro-



A histórica Universidade Temple, de Filadélfia, um dos mais antigos institutos de ensino, onde se reuniu a Conferência Internacional do Trabalho, com a participação de 44 nações

pósito dos problemas causados pelo pó de sílica, e outros problemas sanitários urgentes. Foi estimado que as mortes e as incapacidades físicas entre os mineiros podem ser reduzidas de 2.000 a 3.000 por ano, por meio do melhoramento das condições atuais e da assistência social.

Esse foi um dos vários projetos referentes às Américas considerados na conferência. Deve ser garantido não somente o emprêgo aos veteranos da guerra e aos que trabalham nas indústrias de guerra, como também devem ser tomadas providências atinentes a aumentar os salários, a melhorar as habitações, a desenvolver a educação e a impulsionar a industrialização onde quer que se torne necessária. Referindo-se, de um modo geral, aos trabalhadores que ainda não atingiram as condições de vida capazes de serem asseguradas pela produtividade do mundo, em tempo de paz, o delegado mexicano Lombardo Toledano assim se expressou:

"Os trabalhadores do México e das outras nações americanas têm um decidido interesse nos princípios de uma ordem internacional baseada nas liberdades universais, na justiça social e no progresso de todos os povos. Não aspiramos a nada extraordinário, a nada que seja novo, ou a qualquer coisa que se aproxime do estabelecimento da utopia. Queremos apenas ser parte da moderna sociedade e gozar dos benefícios da civilização dentro de um plano de harmonia con-

tinental e universal, de acordo com os princípios da Carta do Atlântico. Hipotecamos nossas esperanças nos magníficos resultados da política de Boa Vizinhança, que abriu uma nova era nas relações interamericanas, e na profunda significação desta guerra, na qual estão se batendo heroicamente quase todos os povos do mundo, para garantir para todos, o direito ao trabalho, o direito à justiça, o direito à cultura e a uma paz duradoura."

A própria Conferência Internacional do Trabalho deu provas da "nova era nas relações interamericanas" a que aludiu o Sr. Toledano. De conformidade com o desejo da conferência de apresentar, em espanhol, um maior número das suas publicações, desta vez os trabalhos foram publicados não somente em inglês e em francês, mas também em espanhol, sendo igualmente traduzidos para esse idioma os discursos dos delegados e dos consultores técnicos.

Referindo-se às duas conferências regionais americanas realizadas, respectivamente, em Santiago, Chile, em 1936, e em Havana, Cuba, em 1939, Edward J. Phelan, diretor do escritório da organização, afirmou: "Aproxima-se rapidamente o momento de reencontrarmos as nossas conferências regionais americanas."

O Presidente Roosevelt enalteceu os propósitos da Conferência de Filadélfia como sendo um fator indispensável ao bem-estar do mundo.



# O ASSALTO DE HOLÂNDIA

**O** ATAQUE levado a efeito, recentemente, pela esquadra dos Estados Unidos, contra a Nova Guiné, constituiu uma das operações de maior vulto estratégico na campanha contra os japoneses. A orla do litoral da ilha, numa extensão de cem quilômetros, ainda estava envolta na penumbra da madrugada, quando uma poderosa esquadra americana, composta de cruzadores, de destróiers e de navios porta-aviões, se aproximou rapidamente, pronta para efetuar o ataque e o desembarque na posseção holandesa ocupada pelo inimigo.

O poder ofensivo dessa força naval, que ainda contava com várias unidades da esquadra australiana era, de fato, considerável e ia marcar o início da libertação dos territórios aliados que caíram em poder dos japoneses, há mais de dois anos.

Desde 1942 que as forças do general MacArthur, comandante aliado da área do sudoeste do Pacífico, estavam combatendo o inimigo na Nova Guiné. Por sua vez, das ilhas Hawaii, situadas a quasi cinco mil milhas de distância, o almirante Chester W. Nimitz, comandante da esquadra norte-

americana do Pacífico, não cessava em seus ataques, cada vez mais intensos, contra as posições insulares dos japoneses, nos seus vastos domínios. Agora, com o inimigo sendo efetivamente assediado por todos os lados, as duas forças norte-americanas convergiam para um objetivo definitivo comum, aproveitando o ensejo para uma ofensiva de grande efeito na guerra do Pacífico.

Afim de coordenar seus planos, os dois comandantes americanos reuniram-se na base de operações na Austrália. Ficou então assentado que o almirante Nimitz atacaria, com uma poderosa força naval, as áreas estratégicas na Nova Guiné, como prelúdio da invasão que se seguiria.

A bordo de um dos transportes de guerra que se destinavam à invasão, naquela madrugada de Abril, ia também uma força de 129 soldados holandeses, cuja missão era ficar imediatamente às ordens das autoridades holandesas do território a ser recapturado ao inimigo. De conformidade com a norma estabelecida pelos aliados no Pacífico, um governo civil representativo da nação que possuía a colônia antes da guerra, devidamente reco-

nhecido pelos aliados, é empossado logo que se efetua a recaptura do território. Assim, o governo holandês já tinha entabulado negociações com o general MacArthur e com o almirante Lord Louis Mountbatten, na Índia, cujo comando inclui a parte oeste das Índias Orientais Holandesas.

Ao se prepararem para a restauração de seus respectivos governos, os holandeses, os australianos, os ingleses, os franceses e os norte-americanos, dão especial atenção à organização prévia de homens especialmente familiarizados com a função de governar os territórios recapturados aos japoneses, territórios pertencentes a várias nações.

Os 129 holandeses designados para uma dessas missões passaram por todas as etapas da preparação necessária. E de bordo do transporte que aguardava o desenlace do formidável ataque feito pelas forças dos Estados Unidos, acompanhavam ansiosamente o desenrolar dos acontecimentos. Mas não tiveram que esperar muito. Antes do raiar do dia, as unidades navais romperam o tremendo fogo de suas baterias contra as posições inimigas. Durante mais de uma hora os objetivos foram sendo pulverizados pelo formidável bombardeio, incapacitando o inimigo de reagir eficientemente. De repente, cessou o bombardeio e, dos porta-aviões, surgiram os bombardeiros e os aviões de combate, para completar o ataque contra as praias, contra os aeródromos e demais concentrações das forças japonesas. Densas colunas de fumo, pouco a pouco, cobriram completamente o litoral, na parte atacada.

Já rompia o dia quando as primeiras unidades conduzindo tropas de desembarque rumaram para três pontos ao longo da praia. O primeiro objetivo era ocupar o aeródromo, de Aitape e outros mais a oeste. A posse desses pontos estratégicos proporcionaria aos aliados as bases para seus bombardeiros, ao alcance das posições japonesas na Índia Holandesas e nas Filipinas.

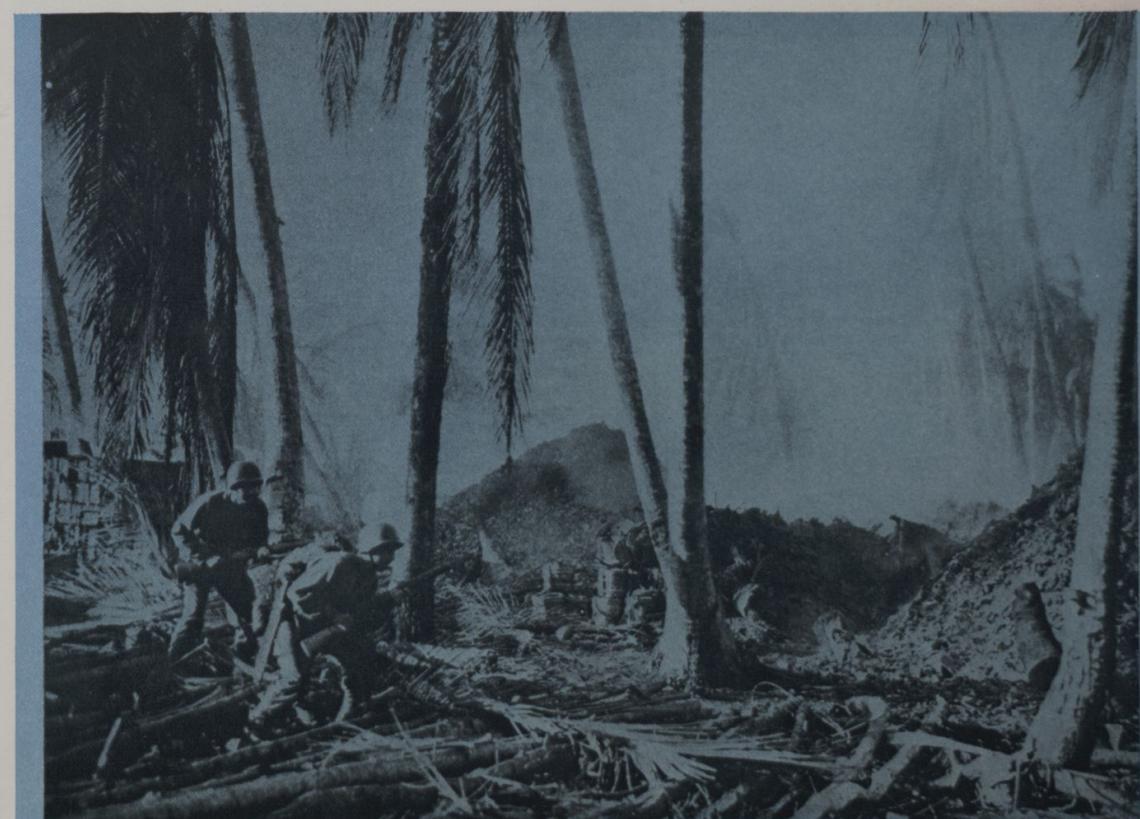
Com as tropas invasoras que ocuparam a baía de Humboldt, estavam os 129 representantes do governo holandês. Içaram imediatamente o pavilhão tricolor nacional, proclamando a recaptura do território. Pouco depois, as autoridades civis restauravam seu próprio governo geral na Holândia, centro administrativo da importante posseção, a Nova Guiné holandesa.



O almirante Chester W. Nimitz, comandante da esquadra americana no Pacífico, em conferência com o general Douglas MacArthur, comandante-em-chefe da área do sudoeste do Pacífico



Uma força de desembarque segue com rumo à baía de Tanahmerah, para tomar parte no ataque contra os japoneses em Holândia, ilha de Nova Guiné



A fumaça dos incêndios causados pelo bombardeio naval e aéreo das forças americanas ainda continua densa durante o desembarque em Holândia



Uma operação preliminar ao desembarque foi o estabelecimento da supremacia aérea pelos americanos. Seus bombardeiros encontraram pouca oposição dos japoneses



Em cima: vinte e oito soldados norte-americanos foram mortos em Holândia, ficando feridos noventa e cinco, baixas relativamente pequenas em comparação com as sofridas pelo inimigo. Em baixo: Algumas das freiras, dentre as cem religiosas que estiveram prisioneiras dos japoneses durante dezoito meses, na parte da Nova Guiné holandesa



Enquanto isso, as tropas norte-americanas e australianas continuavam a encontrar, inesperadamente, aliás, pouca resistência nos três pontos do desembarque, na praia, talvez porque o inimigo tivesse esperado que o ataque mais intenso fosse feito contra Wewak, mais ao leste. O general MacArthur, que acompanhou suas tropas, ordenou uma completa exploração de toda a área atacada.

Entretanto, as forças que avançaram da baía de Holanda, para ocupar um pequeno aeródromo, encontraram maior resistência do inimigo no extremo oeste do lago Sentani. Para vencer esse obstáculo, as tropas atacantes levaram a efeito uma das operações mais sensacionais da invasão. Em numerosos tanques, caminhões e outros veículos anfíbios, atravessaram as seis milhas do lago e foram atacar num ponto ao sul dos aeródromos. Contornaram as posições defensivas do inimigo e capturaram dois dos três importantes aeródromos, depois de matarem algumas centenas de japoneses.

### Ação conjunta

Os invasores de baía de Humboldt não tardaram em fazer ligação com centenas de outros atacantes que tinham desembarcado na baía de Tanahmera, a cerca de 50 milhas ao oeste. Mais ao leste, a terceira força de desembarque capturou a vila de Aitape e, em 50 horas, as tropas de engenharia australianas tinham terminado as obras no aeródromo.

Dentro de sessenta dias depois do primeiro desembarque, o excelente porto de Holanda e todos os seus aeródromos situados na faixa de cem quilômetros do litoral foram capturados e postos ao serviço das forças aliadas, para posteriores ofensivas. O general MacArthur declarou que o 18º exercito japonês, com um efetivo de quase 60.000 homens, estava agora "completamente isolado", em consequência do ataque feito pelos aliados. Estes puseram em liberdade setecentas pessoas que se achavam detidas pelo inimigo, mataram mais de mil japoneses e fizeram 250 prisioneiros. Os atacantes sofreram relativamente poucas baixas: 28 mortos e 95 feridos.

A vitória veio reforçar a posição dos aliados no seu plano de ofensiva para reconquistar os territórios em poder do inimigo. A aviação dos Estados Unidos ficou agora com suas bases terrestres 750 quilômetros mais perto das grandes bases japonesas situadas em Palau e no sul das Filipinas, ficando ambas ao alcance dos bombardeiros norte-americanos.

E poucas semanas depois dos ataques contra Holanda, as tropas aliadas já tinham avançado consideravelmente na Nova Guiné holandesa, tendo o inimigo, em vários encontros esporádicos, perdido quase 4.000 homens, mortos em combate. Foram feitos ainda mais de 600 prisioneiros, e as tropas americanas encontraram numerosos cadáveres de soldados japoneses que morreram de inanição ou de doenças, depois de serem abandonados pelos seus companheiros.

### Ação contínua

As operações de guerra levadas a efeito nos dias que se seguiram à reconquista da Nova Guiné holandesa, pelos aliados, demonstram a eficiência do assalto planejado. Enquanto as tropas australianas e americanas ainda estavam silenciando os últimos redutos de resistência do inimigo, na ilha, o general MacArthur avançava novamente, num outro ataque, desta vez contra a ilha de Biak, que fica a 200 milhas da Nova Guiné.

Repetiu-se ali a mesma tática usada pelos americanos contra Holanda. Seus cruzadores e destróieres lançaram um tremendo assalto, bombardeando os pontos vitais ocupados pelo inimigo. Este, porém, ofereceu maior resistência às tropas de desembarque. Não obstante, os americanos ocuparam vários pontos do litoral e convergiram o ataque contra os aeródromos do inimigo.

As forças dos Estados Unidos ficaram, assim, a apenas 900 milhas do extremo sul das ilhas Filipinas, pondo ainda em maior risco as posições do inimigo naquela área. O Dr. Charles O. van der Plas, governador interino da zona leste das Índias Orientais Holandesas, declarou que os desembarques dos aliados realizados em Holanda e a recaptura da Nova Guiné holandesa constituíam "mais uma etapa na longa jornada" para libertar 70.000.000 de habitantes das Índias Orientais, 250.000 holandeses e mais de um milhão de chineses que ainda estão sob o jugo dos japoneses. Conquanto Tóquio ainda esteja a considerável distância, os aliados, pouco a pouco, vão se acercando.



O Presidente Picado, da Costa Rica, por ocasião da sua chegada a Washington, tendo à direita o Secretário de Estado das EE.UU., Cordell Hull

## DOUTOR TEODORO PICADO

### A VISITA DO PRESIDENTE DA COSTA RICA AOS ESTADOS UNIDOS



O Presidente Picado em companhia do Sr. Sam Rayburn, líder da Câmara dos Representantes dos EE. UU., onde esteve em visita, trocando idéias sobre assuntos internacionais

FOI bastante expressiva a recente visita do Dr. Teodoro Picado, Presidente da Costa Rica, aos Estados Unidos, antes de assumir as funções do seu alto cargo, para o qual fôra eleito em Fevereiro último. Durante sua estadia de dois dias em Washington, o Presidente Roosevelt ofereceu-lhe um almoço, na Casa Branca, e o Secretário de Estado Cordell Hull e demais altas autoridades norte-americanas o cumularam de atenções.

Por ocasião de sua visita à União Panamericana, assim respondeu à saudação de boas-vindas que lhe foi feita:

"Há anos, quando exercia o magistério e estava longe de imaginar que, algum dia, tivesse a ventura de ser presidente da minha pátria, fui honrado pela União Panamericana com a publicação do meu trabalho intitulado "A escola e a democracia costarriquense". Desde então, muitos acontecimentos têm se desenrolado no mundo, mas a minha fé e a confiança na educação como base essencial da vida democrática em nada diminuíram com o decorrer do tempo. Na verdade, aumentaram. E se a educação é a base da vida interna da nação, também é a base das relações internacionais. Na minha modesta participação em várias conferências internacionais verifiquei que o desejo de uma cooperação fraternal tem sua origem nos bancos escolares e nos universitários, como a árvore que só frutifica sob a luz radiante do sol da liberdade."



PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA  
QUITO, EQUADOR

A Praça da Independência, em Quito, Equador. Apesar de ser um dos marcos mais antigos da civilização no Hemisfério Ocidental, Quito é a moderna capital do Equador. Ao fundo eleva-se o monte Pichincha, vendo-se à esquerda, a catedral, à direita, o Palácio do Governo e, ao centro, o monumento aos heróis da Independência

## AS SUPER-FORTALEZAS BOMBARDEIAM O JAPÃO



As novas "Super-fortalezas Voadoras" dos Estados Unidos — os aviões mais poderosos até agora construídos — estão atacando o Japão no seu próprio território nacional. Em seu histórico primeiro ataque, os grandes bombardeiros lançaram uma formidável carga de explosivos sobre a cidade de Yawata, o grande centro siderúrgico japonês. Assim, o Japão, que já uma vez ameaçou o Hemisfério Ocidental, tornou-se o alvo de um ataque com o qual os

japoneses nunca sonharam, quando, há menos de três anos, começaram a guerra no Pacífico. O novo bombardeiro, o B-29, tornou vulnerável ao ataque aéreo dos aliados todas as indústrias de guerra do Japão e, conforme declarou o Secretário da Guerra dos Estados Unidos, introduziu "um novo tipo de ofensiva contra o inimigo." A mesma sólida cooperação das Américas, a qual tornou possível a produção dos materiais estratégicos necessários para a construção dos navios

de guerra norte-americanos que estão fechando o cerco do Japão, também proporcionou os elementos indispensáveis para a construção do gigantesco bombardeiro. O avião é muito maior do que as próprias "Fortalezas Voadoras" e, em comparação, outros aviões parecem verdadeiros pigmeus, conforme se vê na gravura acima. Mede 30 metros de comprimento, 8 metros de altura e 43 metros de asa, de ponta a ponta. Pode voar a elevadas altitudes — a mais de 10.000 ms.

# CONSTRUINDO BASES SOB O FOGO

O HERÓICO TRABALHO DAS TROPAS DE ENGENHARIA DO EXÉRCITO E DOS CONSTRUTORES DA MARINHA



Um "bulldozer" das tropas de engenharia dos E.E.U.U. convertendo um caminho em rodovia, para o transporte de abastecimentos dos exércitos aliados na Itália

A reconstrução de uma ponte durante a avançada das tropas aliadas na campanha italiana. Da rapidez desse trabalho depende frequentemente a fuga ou a captura do inimigo

A BATALHA para capturar aos japoneses uma posição fortificada numa das ilhas de coral do arquipélago Marshall ainda continuava intensa, quando um poderoso "bulldozer", operado por um homem suarento, em roupa de trabalho, começou a remover os destroços do terreno, num dos pontos designados para servir de futura base dos bombardeiros norte-americanos.

De repente, um atirador de tocaia japonês, que conseguira escapar durante a rápida avançada dos americanos para expulsar o inimigo do resto da ilha, fez um disparo, do seu esconderijo, indo a bala raspar o motorista do trator. Irritado com aquela interrupção, o americano parou o motor, apanhou uma granada e lançou-a, com excelente pontaria, na trincheira onde estava o inimigo. A granada explodiu, o atirador de tocaia não deu mais sinal de vida e o motorista recomeçou sua tarefa.

## Trabalhando e combatendo

Quer sejam esses "trabalhadores do campo de batalha" os intrépidos soldados de engenharia do Exército ou sejam os incansáveis componentes dos batalhões de construção da Marinha, estão sempre preparados para enfrentar o inimigo em qualquer terreno, até mesmo naquele em que operam verdadeiros milagres de construção, sob as condições mais imprevisíveis, conforme já se tem verificado.

Onde quer que as forças invasoras dos Estados Unidos tenham entrado em ação — na Itália, na África, na Nova Guiné ou nas ilhas do Pacífico — as tropas de engenharia e os construtores da Marinha estão sempre entre os primeiros a desembarcar e os últimos a se retirar. Constróem aeródromos, alojamentos, pontes, docas, hospitais, depósitos de combustíveis, estradas, enfim, tudo que é necessário à atividade das forças invasoras. Carregam e descarregam navios e, muitas, vezes, antes de começarem as obras de construção, têm que remover o entulho causado pelo tremendo bombardeio. Isso, frequentemente, é feito sob o intenso fogo do inimigo, com armas e ferramentas. Esses indispensáveis auxiliares das forças militares e navais,

os quais também são combatentes, por força das circunstâncias, representam quasi todos os ofícios. Na Marinha, variam desde 18 a 50 anos de idade, os mais idosos sendo, geralmente, homens que não tinham que ir para a guerra, mas que deixaram seus lares e suas famílias voluntariamente, afim de prestar seus serviços profissionais onde quer que fossem os mesmos necessários nas frentes de batalha.

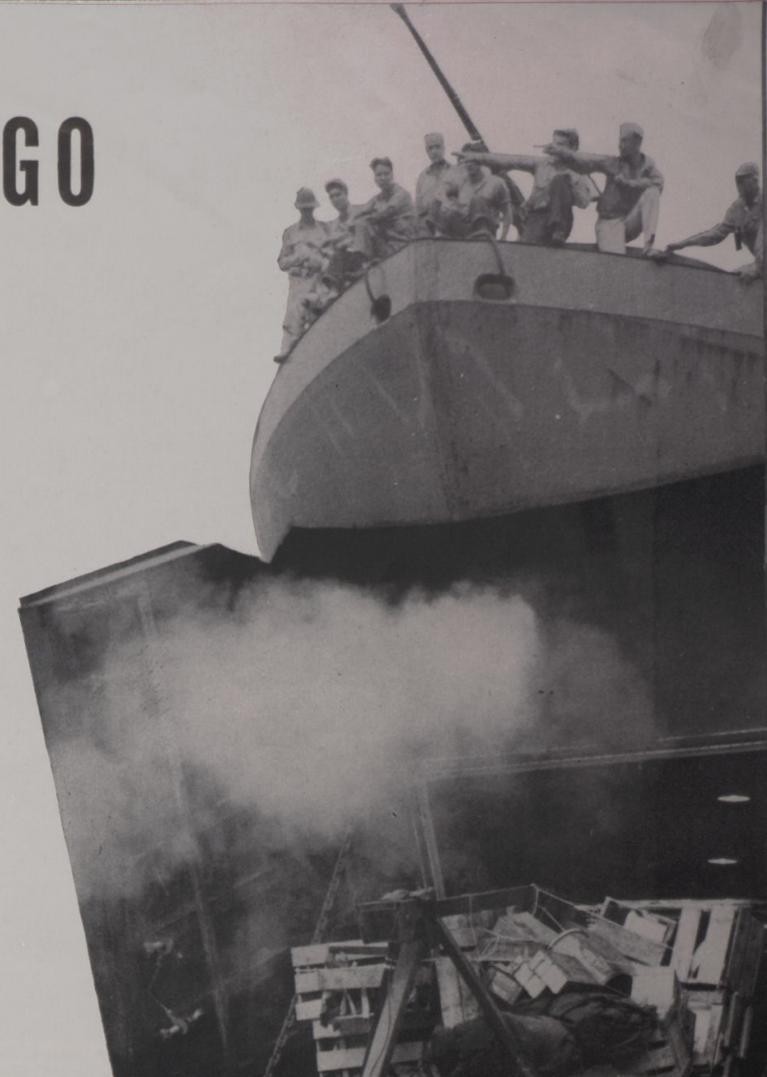
Há, entre eles, mecânicos, agrimensores, pedreiros, carpinteiros, choférs, caldeiros, soldados, operários de construção civil, electricistas e bombeiros hidráulicos.

## Rapidez de ação

Por ocasião da invasão da ilha de Kwajalein, no Pacífico central, os engenheiros do Exército e os construtores da Marinha desembarcaram com as primeiras tropas de assalto. Mais de mil acres de terra tinha sido reduzido a escombros pelo intenso fogo das baterias de bordo e dos aviões de bombardeio, durante 16 horas seguidas. O aeródromo japonês estava coberto de estojos de granadas, todos os edifícios estavam completamente destruídos. Nunca se registou, em toda a história da guerra, devastação tão completa, antes de uma invasão. Mas era preciso salvar as vidas dos atacantes.

Quando as tropas de assalto chegaram para ocupar a área, com elas estavam os engenheiros e os construtores. Enquanto a luta ainda continuava, para estirpar dos últimos redutos o resto dos japoneses, já os engenheiros e construtores iniciavam os trabalhos de remover os escombros e o entulho, para poderem reconstruir. Tratores, escavadeiras, guindastes, todo o equipamento de construção necessário para a urgente tarefa estava em ação em Kwajalein, onde o inimigo tinha seu centro de operações militares e navais.

Dentro de uma semana, o terreno estava completamente aplanado, iniciando-se as obras de construção. Um dos aeródromos foi reconstruído rapidamente para servir de base aos grandes aviões de bombardeio. Uma das pistas construídas pelos japoneses, a qual ficara imprestável, depois do assalto, foi recons-





**Os construtores** da Marinha preparando uma estrada na pequena ilha de Emirau, no Pacífico, transformada em base de operações contra os japoneses. Logo que se efetua a captura de uma ilha, entram em ação os modernos maquinismos de remoção de entulho e de construção de estradas

Os alemães, na sua retirada, foram destruindo estradas, deixando-as com enormes crateras, demolindo casas, dificultando os caminhos, por meio de blocos de concreto, e, finalmente, minando vastas áreas do terreno.

Os chefes militares, ao contemplarem a devastação causada pelos nazistas numa cidade perto de Nápoles, julgaram, aliás com grande pesar, que fossem necessárias 48 horas para abrir o caminho para os veículos militares, conduzindo as tropas que iam em perseguição do inimigo. Os engenheiros, entretanto, em oito horas, já tinham aberto uma via singela para o tráfego. E em 24 horas, já havia mão e contra-mão para o trânsito de guerra.

No sangrento ataque contra Salerno, os prestimosos auxiliares foram dos primeiros a pisar em terra. Abriram caminho pelos campos minados, construíram pontes e venceram mil obstáculos — além de se empenharem em combate, em várias ocasiões, lado a lado com as demais tropas. A grande rapidez com que conseguiram improvisar pontes, facilitando a avançada dos aliados, obrigou os alemães a se retirarem mais depressa do que esperavam, das suas posições na Sicília e em Palermo. Numa das frentes, os nazistas dinamitaram mais de cem pontes. Nas montanhas, as estradas foram destruídas com o propósito de, em muitos pontos, expor as tropas aliadas aos riscos de tremendos precipícios de mais de 300 metros de profundidade.

### Abreviando a avançada

Para dificultar ainda mais a avançada dos seus perseguidores, os alemães espalharam mais de 30.000 minas, antes de se retirar para outra posição nas montanhas. Esperavam assim ter tempo bastante para preparar um contra-ataque. Mas os engenheiros e construtores não tardaram em vencer os obstáculos, planando o terreno, contornando pontes destruídas e abrindo novos caminhos onde antes só havia precipícios obstando qualquer tentativa.

Dessarte puderam as forças, com seus longos combóios de veículos e numerosa artilharia motorizada, avançar continuamente. E antes que pudessem os alemães se consolidar em suas novas posições, já a artilharia norte-americana rompia fogo, obrigando-os a recuar novamente.

Durante 28 dias seguidos mantiveram-se os construtores em contínuo trabalho. E o que se passou na frente italiana, verificou-se também na luta contra os japoneses, em Bougainville. Ajudaram a capturar uma cabeça de ponte e penetraram na mata, construindo estradas e outras obras essenciais às operações de guerra. Em dez dias construíram seis quilômetros de rodovias e 160 quilômetros de caminhos.



**Nêsse** local será erguida uma nova estrutura, para alojar as tropas aliadas. As escavadeiras mecânicas têm sido de grande utilidade para a remoção dos escombros



**Uma posição** de metralhadoras construída na frente italiana, pelas tropas de engenharia dos E.E.U.U. E' um trabalho que, muitas vezes, é feito sob o fogo do inimigo

truída, alargada e preparada com materiais locais, para suportar o peso dos aviões que iriam lançar novos ataques contra outras posições japonesas, a oeste.

Foi começada também a construção das grandes bases navais e aéreas não somente na ilha de Kwajalein, mas também nas ilhas de Roi e de Namur, mais ao norte. Em poucas semanas, já havia hospitais, vastos alojamentos, depósitos militares e navais, aeródromos e habitações de todos os tipos, além de oficinas de concêrto, usinas elétricas, destiladores d'água e hangares, formando o conjunto de uma vasta cidade militar, fervendo de atividade.

Na Nova Guiné, os engenheiros e os construtores enfrentaram os mesmos problemas, quando os japoneses tentaram capturar um aeródromo quasi terminado, perto da baía de Milne. Durante três semanas, os trabalhadores tinham transformado em campo de aviação um trecho da mata cerrada. De repente, souberam que os japoneses estavam desembarcando num ponto a sete quilômetros de distância. Largaram imediatamente seus tratores e ferramentas e armaram-se de carabinas e metralhadoras para entrar em combate. Uma hora depois, estavam de volta ao trabalho. O inimigo tinha sido dizimado.

Depois de terem estado na África, onde construíram estradas no deserto, numa média quasi inacreditável de seis quilômetros por hora, os engenheiros e construtores das forças armadas enfrentaram ainda maiores dificuldades na Itália.



**O aeródromo** é requisito essencial de uma moderna base. Aqui vemos um durante a sua rápida construção, em Nettuno, Itália



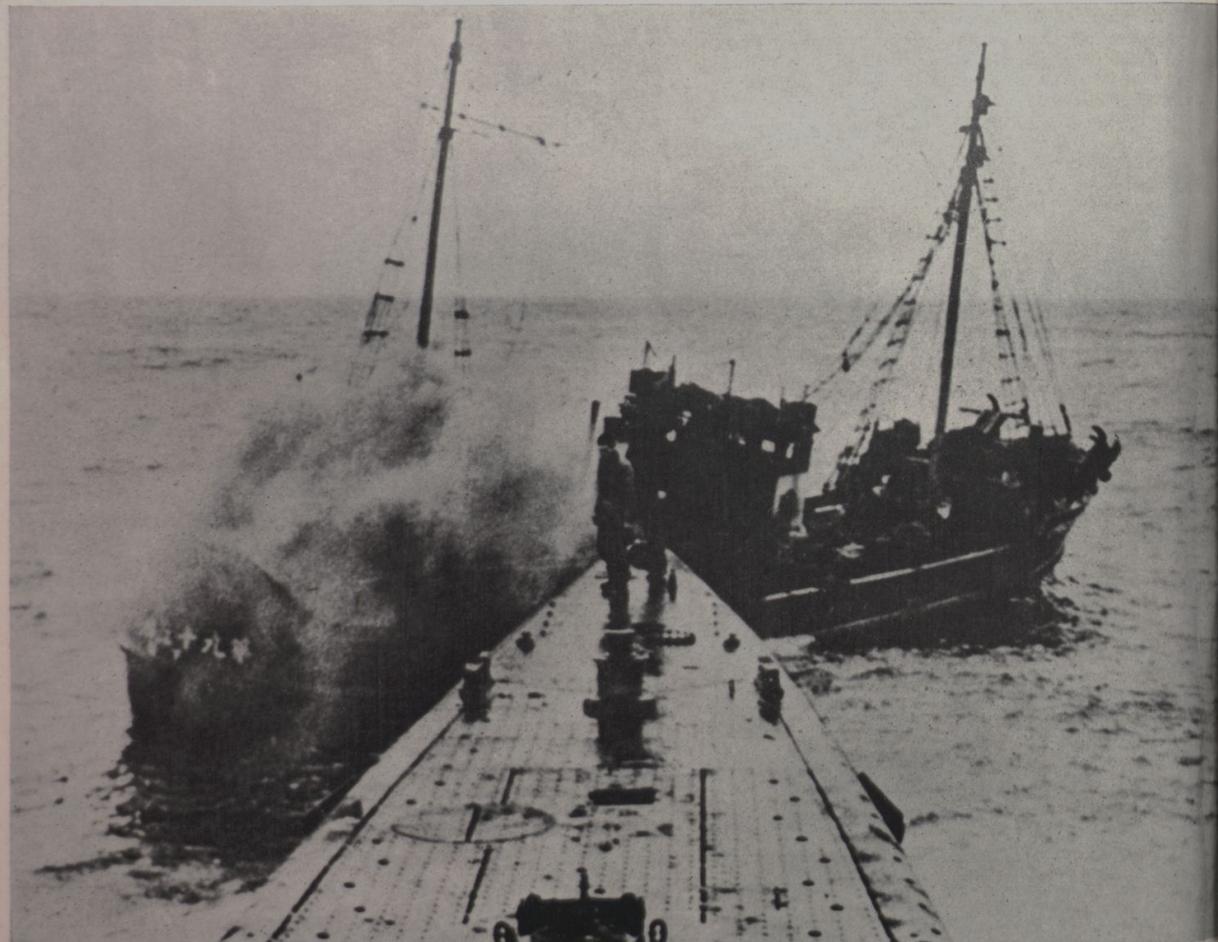
**Nas bases** militares torna-se necessário o uso de possantes tratores para o árduo trabalho de movimentar a carga. A cena acima se passa na ilha Green, no Pacífico



Um navio japonês, prestes a ir à pique, pouco depois de ser atingido por uma granada de um submarino norte-americano, na campanha do Pacífico

# Os Submarinos ENFRAQUECEM O JAPÃO

MESMO NAS ÁGUAS TERRITORIAIS, SEUS NAVIOS SÃO AFUNDADOS CONTINUAMENTE



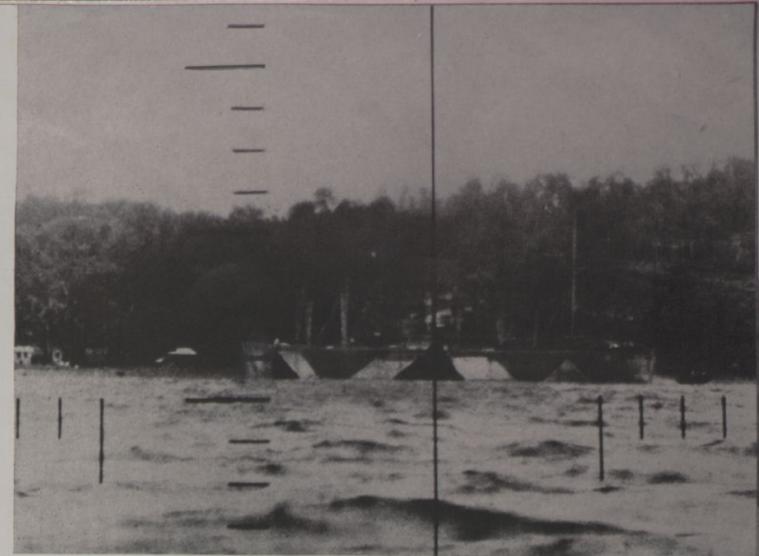
Os tripulantes de um submarino americano quando atiravam várias bombas contra um "trawler" japonês. Como não valesse a pena gastar um torpedo com tal embarcação, o submarino veio à superfície, em águas japonesas, e fez vários disparos, depois de ter salvo a sua tripulação

As bombas de profundidade lançadas pelos destróiers japoneses explodiam com grande estrondo nas imediações do submarino norte-americano que continuava submergido. As explosões se acercavam cada vez mais, sacudindo o submarino, com o violento choque. Os globos das lâmpadas elétricas partiam-se, nos vários compartimentos do submersível, enquanto que seus tripulantes se mantinham em absoluto silêncio, na trágica expectativa de uma morte certa.

Era uma heróica guarnição, composta de cinquenta homens, todos enfrentando o mesmo pavor sentido por centenas de outros seus companheiros, tripulantes dos submarinos que os japoneses estão tentando destruir, desesperadamente, para manter ativas as linhas de comunicações do império.

Esse submarino de agora, cujos feitos já se tornaram famosos na Marinha dos Estados Unidos, era um dos que, isoladamente, já tinha torpedeado e afundado uns 550 navios japoneses, inclusive unidades de guerra e transportes de tropas, desde o comêço das hostilidades. Com 1.500 de seus outros navios postos à pique, e ainda outros provavelmente afundados ou avariados pela aviação e pela esquadra norte-americana, o problema dos transportes, para o Japão, tem se tornado cada vez mais agudo, sem esperança de solução.

Por isso, as bombas de profundidade lançadas contra o submarino americano que parecia estar encurralado num dos portos do Japão, tinham agora uma significação extraordinária. O inimigo tinha todo interesse em destruir esse audacioso corsário, que tantos prejuízos estava causando à sua navegação.



Aproximando-se das águas japonesas no Pacífico, um submarino dos Estados Unidos observou o cargueiro japonês que se vê na gravura, camuflado contra um pôrto não identificado. O submarino aproximou-se ousadamente, conforme mostra a fotografia tirada através do periscópio, e lançou três torpedos



Empenhados em cortar as linhas vitais de transporte do Japão, os submarinos dos Estados Unidos afundam os cargueiros do inimigo até mesmo nos seus portos. Na fotografia, tirada através do periscópio de um submarino norte-americano, vê-se o monte Fuji, que fica a 110 kms. a oeste de Tóquio



O almirante C. W. Nimitz (à esquerda) comandante em chefe da esquadra dos Estados Unidos no Pacífico, entrega a Cruz da Marinha ao comandante Thomas B. Klarkring, que já destruiu vários navios japoneses, num total de 70.000 toneladas

Quando a submarino chegou às águas dominadas pelo inimigo, permanecia submerso durante o dia. À noite, vinha à superfície e prosseguia a marcha com seus motores Diesel, carregando, ao mesmo tempo, as baterias que acumulavam a força motriz para a viagem submarina. A despeito das seis refeições diárias e do pouco exercício que faziam, os marinheiros quase não aumentaram de peso.

### Na costa do Japão

O submarino, seguindo sempre com rumo a oeste, aproximou-se, finalmente, da zona de perigo, as águas territoriais japonesas, cuidadosamente vigiadas por destróieres, torpedeiros e pequenas embarcações ligeiras, em constante patrulha perto das suas bases principais. O único contato que os tripulantes do submarino americano tinham com o resto do mundo era através do rádio. E todos os dias, o comandante Thomas Burton Klarkring comunicava aos seus marinheiros a posição exata do submarino nas imensas águas do Pacífico.

Após uma longa noite de precauções, os americanos avistaram, pela primeira vez, a costa do Japão. Nos dias que se seguiram, puderam se familiarizar com o litoral, observando os trens que se movimentavam, as fábricas fumegantes e o tráfego nas rodovias ao longo da costa. Puderam observar até as corridas de cavalos e outros centros de diversões.

Mas a sua missão era atacar. E, próximo à costa, a primeira presa foi um navio cargueiro inimigo. "Preparar para atirar!" ordenou o comandante. Sentiu-se um ligeiro solavanco, no momento em que os torpedos deixaram os tubos, zumindo. Houve um minuto de ansiosa suspensão e, a seguir, os tripulantes puderam ouvir a explosão, que, a bordo, repercutia como um ruído seco. Deram um grito de entusiasmo, ao mesmo tempo que o comandante, observando pelo peris-

cópio, anunciava que o cargueiro estava afundando, irremediavelmente. A missão começara bem. Durante as semanas que se seguiram, o submarino continuou a atacar, incessantemente, navios japoneses de todos os tipos que se movimentavam perto da costa. E de uma feita, aproximou-se de um combóio composto de sete cargueiros e de unidades navais auxiliares. De um dos navios rompeu fogo imediatamente, e outro tentou abalroar o submarino, para afundá-lo. Mas, seu comandante, numa rápida manobra, afastou-se a tempo, enquanto largava dois certos torpedos, que foram afundar dois cargueiros.

Depois de cada sucesso na sua intensa campanha submarina, os tripulantes repousavam, para tomar café e fumar. Num dos encontros, no qual o submarino pôs à pique quatro navios no curso de uma hora, o cozinheiro fez questão de preparar um bolo comemorativo.

O submarino agora estava no auge da sua longa jornada ao largo da costa do Japão. Os tripulantes, numa manhã, terminavam a sua primeira refeição, quando o comandante, depois de perscrutar atentamente os horizontes, certificou-se de que podiam elevar-se à superfície. Durante meia hora, o submarino parecia ser o único navio no vasto oceano. Não tardou, porém, que um dos vigias observasse uns pequeninos pontos que se confundiam com a linha do horizonte. Tratava-se de um combóio, de dez navios, com sua respectiva escolta, que rumava para um dos movimentados portos japoneses.

Para interceptar o combóio, o comandante Klarkring afastou o submarino o mais possível das vistas do inimigo e dirigiu-se para o ponto de destino do combóio. Foi uma manobra bastante perigosa, porque o submarino teve que navegar na superfície, afim de poder chegar a tempo. Mas quando surgiu o primeiro cargueiro, já o submarino estava submerso e esperando a passagem do inimigo. Logo que dois dos na-

vios se puseram ao alcance de tiro, dois torpedos zarparam do submarino, acertando o alvo. Os cargueiros afundaram imediatamente. Através do periscópio, o comandante viu o resto do combóio dirigindo-se para dentro do porto.

Vários aviões japoneses contra-atacaram e os navios escoltas lançaram numerosas bombas na área onde devia estar o submarino. Não obstante, o comandante deu ordem para penetrar no porto. Este era de pouco calado e o submarino não podia submergir de todo. No litoral, populares, atraídos pelo tiroteio, acompanhavam ansiosamente o curso da batalha. Das baterias de terra rompeu fogo, indo as granadas explodir no mar, perto do submarino. Seu comandante, notando a presença de outro navio japonês, conquanto estivesse em ponto extremo do alcance de tiro, resolveu arriscar mais um torpedo. Pouco depois, ouvia-se a ordem de fogo. O torpedo foi direito ao alvo, afundando o navio, em menos de um minuto.

### Situação crítica

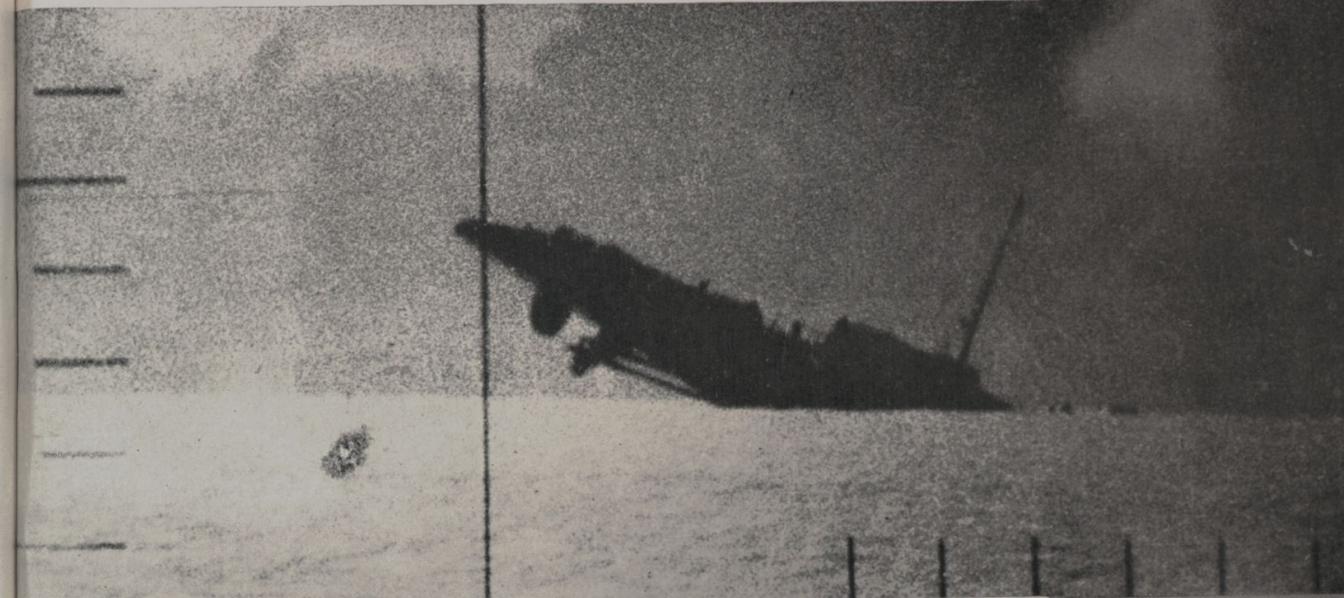
Mas agora, o submarino estava em verdadeiro perigo. As granadas das baterias de terra caíam cada vez mais perto e várias unidades navais mantinham incessante o lançamento de bombas de profundidade. Apesar da situação extremamente crítica, o submarino conseguiu afastar-se, rumando para o mar largo, através da estreita entrada do porto. Seis ou sete lanchas torpedeiras perseguiam-no em ziguezague. O epílogo parecia inevitável. Os tripulantes, suando e ansiosos, em absoluto silêncio, não escondiam, nas suas fisionomias, a gravidade do momento. Este se tornou ainda mais sério, quando, já fora do porto, vários destróieres reuniram-se à sensacional caça ao submarino.

A despeito da situação desesperada, o comandante Klarkring mantinha-se firme ao periscópio, aguardando o primeiro ensejo de observar o que ia pela superfície. De repente, ouviu-se a sua ordem de preparar para atirar. Os tripulantes cumpriram-na automaticamente. Já estavam ao largo da entrada do porto, quando foram lançados mais dois torpedos, afundando outro navio inimigo. O submarino, finalmente, desvencilhando-se de todos os precalços, conseguiu ainda permanecer, durante uma hora, em águas de pouco calado. E depois, tornando à superfície, largou-se a toda força daquele verdadeiro inferno, rumando para águas mais garantidas.

A caminho para sua base de Pearl Harbor, um tremendo temporal serviu para dificultar ainda mais a caça das patrulhas inimigas. A bordo, entretanto, o ar estava se tornando cada vez mais pesado, os mantimentos estavam escasseando e havia pouca água para as necessidades mais elementares. Não obstante, os tripulantes não reclamavam. Estavam de regresso à sua base, depois de terem posto à pique setenta mil toneladas de navios japoneses, numa simples missão.



Um destróier japonês, depois de ter sido torpedeado por um submarino norte-americano, ao largo da ilha Formosa. Através do periscópio do submarino pode ver-se o destróier completamente adernado, pouco antes de ir ao fundo



Esta fotografia, tirada poucos segundos depois, mostra a pôpa do destróier elevando-se fóra d'água, no momento de ir ao fundo. Em baixo: a pôpa do destróier, ao completar a sua trajetória, quando o navio foi finalmente ao fundo



As fotografias publicadas neste número são da seguinte procedência: capas — Exército dos EE. UU., C. de S., Acme, Corpo de Infantaria de Marinha, Acme. Páginas interiores: 2, Guarda da Costa, H. & E., 3, Acme, Int., 4, Acme, C. de S., 6, Acme, 7, Acme, H. & E., 8, 9, Springfield (CAI), 10, CAI, 11, CAI, Int., 12, Int., CAI, 13, CAI, 14, Acme, 15, Acme, PA, Acme, 16, Acme, C. de S., 17, PA, FAEU, 18, C. de S., 19, FAEU, 20, R. Bogby, de F.P.S., 21, E. L. Gockeler, de Guillemette, R. Royle, de Camera Clix, 22, F. Lewis, R. Yarnall, 23, F. Lewis, C. Phelps Cushing, 24, C. Phelps Cushing, PA, Philip Gendreau, 25, F. Lewis, 26, H. & E., PA, 27, Springfield (CAI), 28, Acme, H. & E., 29, Acme, 30, FAEU, PA, Acme, 31, PA, 32, Springfield (CAI), 33, H. & E., 34, Acme, H. & E., 35, H. & E., 36, Acme, 37, Acme, PA, H. & E., 38, PA, Acme, 39, Int., PA, 40, Int. Abreviaturas: Int., International; PA, Press Association; CAI, Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos; H. & E., Harris & Ewing; C. de S., Corpo de Sinaletes do Exército dos Estados Unidos; FAEU, Forças Aéreas dos Estados Unidos.